



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina

Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção de Violência

FLÁVIO EUSTÁQUIO BERTELLI

**OBSERVAÇÕES PARA UMA CARTOGRAFIA DA VIOLÊNCIA NA
OBRA DE FREUD**

Belo Horizonte - Minas Gerais

2015

Flávio Eustáquio Bertelli

**OBSERVAÇÕES PARA UMA CARTOGRAFIA DA VIOLÊNCIA NA
OBRA DE FREUD**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.

Área de concentração: Medicina Preventiva e Social

Orientador: Prof. Paulo Roberto Ceccarelli

Faculdade de Medicina - Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte - Minas Gerais

2015

B537o	<p>Bertelli, Flávio Eustáquio.</p> <p>Observações para uma cartografia da violência na obra de Freud [manuscrito]. / Flávio Eustáquio Bertelli. - - Belo Horizonte: 2015. 96f.</p> <p>Orientador: Paulo Roberto Ceccarelli</p> <p>Área de concentração: Medicina Preventiva e Social.</p> <p>Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.</p> <p>1. Violência. 2. Complexo de Édipo. 3. Identificação (Psicologia). 4. Mapeamento Geográfico. 5. Dissertações Acadêmicas. I. Ceccarelli, Paulo Roberto. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">NLM : WT 145</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca J. Baeta Vianna - Campos Saúde UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - FACULDADE DE MEDICINA

Reitor:

Prof. Jaime Arturo Ramírez

Vice-Reitora:

Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida

Pró-Reitor de Pós-Graduação:

Prof. Rodrigo Antônio de Paiva Duarte

Pró-Reitor de Pesquisa:

Prof.^a Adelina Martha dos Reis

Diretor da Faculdade de Medicina:

Prof. Tarcizo Afonso Nunes

Vice-Diretor da Faculdade de Medicina:

Prof. Humberto José Alves

Coordenador do Centro de Pós-Graduação:

Prof.^a Sandhi Maria Barreto

Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação:

Prof.^a Ana Cristina Cortês

Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:

Prof. Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado

Subchefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:

Prof.^a Alaneir de Fátima dos Santos

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência:

Prof.^a Elza Machado de Melo

Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência

Prof.^a Andréa Maria Silveira

Prof. Antônio Leite Alves Raddichi

Prof.^a Cristiane de Freitas Cunha

Prof.^a Eliane Dias Gontijo

Profa Efigenia Ferreira e Ferreira

Prof.^a Prof.^a Elza Machado de Melo

Prof.^a Soraya Almeida Belisario

Prof. Tarcisio Márcio Magalhães Pinheiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA/MP

UFMG

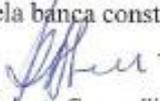
FOLHA DE APROVAÇÃO

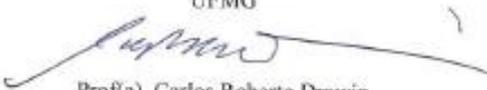
Observações para uma cartografia da violência na obra de Freud

FLÁVIO EUSTÁQUIO BERTELLI

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, área de concentração PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA

Aprovada em 30 de setembro de 2015, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli - Orientador
UFMG


Prof(a). Carlos Roberto Drawin
UFMG


Prof(a). Jacqueline de Oliveira Moreira
PUC-Minas

Belo Horizonte, 30 de setembro de 2015.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA
VIOLÊNCIA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO FLÁVIO EUSTÁQUIO BERTELLI

Realizou-se, no dia 30 de setembro de 2015, às 13:30 horas, Faculdade de Medicina - Sala 340, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *Observações para uma cartografia da violência na obra de Freud*, apresentada por FLÁVIO EUSTÁQUIO BERTELLI, número de registro 2013712531, graduado no curso de CIÊNCIAS SOCIAIS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli - Orientador (UFMG), Prof(a). Carlos Roberto Drawin (UFMG), Prof(a). Jacqueline de Oliveira Moreira (PUC-Minas).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 30 de setembro de 2015.

Prof(a). Paulo Roberto Ceccarelli (Doutor)

Prof(a). Carlos Roberto Drawin (Doutor)

Prof(a). Jacqueline de Oliveira Moreira (Doutora)

CONFERE COM ORIGINAL
Centro de Pós-Graduação
Faculdade de Medicina - UFMG

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me propiciaram fazer escolhas.

À Flávia, companheira e partícipe de todos os meus momentos.

À Marcela, Letícia e Mariana, filhas das quais me orgulho.

Ao Antonio Roberto, meu irmão, que me estimulou saber pensar.

Ao Ronaldo, meu irmão que se foi antes do combinado.

À Talma, minha irmã, pelo exemplo de persistência e credulidades.

Aos meus amigos, pela paciência com minhas idiossincrasias.

Ao Adriano e ao Jarbas, meus analistas, que souberam me escutar.

AGRADECIMENTOS

Ao Paulo Roberto Ceccarelli, pela insistência amiga que não me deixou desistir.

À profa. Elza, exemplo de luta e coerência, por me ajudar a ultrapassar dificuldades.

À Ana Cristina e Raul Valle, pelo estímulo.

Aos meus jovens colegas de mestrado, pela ajuda, compreensão e respeito.

À Lauriza e à Amanda, pela solicitude com que sempre me atenderam.

Aos professores, pela transmissão de seus conhecimentos e experiências.

Ao Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), sociedade psicanalítica que, pela sua diretriz teórica pluralista e multifacetada, me acolheu.

À Maria Inêz, pela ajuda com as formalidades infindáveis.

RESUMO

Neste trabalho propõem-se estudar a obra de Freud com o objetivo de extrair dela sinais do tratamento da violência para a possível elaboração de uma *cartografia* sobre a violência como fenômeno. Percorrendo cronologicamente o conjunto de livros, ensaios e artigos de Freud desde seus trabalhos pré-psicanalíticos, pretende-se, por meio de uma "*picola-exegese-ermeneutica*", apontar onde a agressividade, a destruição e a violência propriamente ditas emergem, de forma latente ou explícita, na obra estudada, para encaminhar uma discussão que privilegie o tratamento da violência. Expressa entender a psicanálise como um dos discursos mais importantes para o estudo da violência epidêmica que grassa na sociedade contemporânea, defendendo o ponto de vista de que somente com um trabalho interdisciplinar tal tarefa será possível. Assim, recorre a autores cujos trabalhos se ligam à filosofia política, à filosofia social, à sociologia e à antropologia para atingir seu desiderato. Nas suas conclusões discorre sobre a dificuldade do tema, propondo uma cartografia – por ser um método para elencar com maior amplitude as dificuldades que se apresentam.

Palavras-chave: Violência. Pulsão. Complexo de Édipo. Sujeito. Identificação. Mal-estar. Modernidade. Cartografia.

ABSTRACT

In this work we propose to study the work of Freud in order to extract from it signals of the treatment of violence for a possible elaboration of a map on violence as a phenomenon. Traversing chronologically the set of books, tests and Freud articles from its pre-psychoanalytic work, it is intended, by means of a "Picola-exegesis-ermeneutica" point where the aggressiveness, destruction and the actual violence emerge from latent or explicitly, the traveled work, to forward an argument that favors the treatment of violence. Expresses understand psychoanalysis as one of the most important speeches to study the epidemic violence raging in contemporary society, defending the view that only with an interdisciplinary work such a task is possible. Thus resorts to authors whose works are connected to political philosophy, social philosophy, sociology, and anthropology to achieve your intention. The conclusion shows the difficulty of theme, proposing a map - as a method to list more broadly.

Keywords: Violence. Drive. Oedipus complex. Subject. Id. Malaise. Modernity. Cartography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Justificativa.....	15
1.2	Objetivos	19
1.2.1	Objetivo geral	19
1.2.2	Objetivo específico	19
1.3	Metodologia e técnica de abordagem: a exegese e hermenêutica necessárias	19
2	FREUD: O DESCENTRAMENTO DO SUJEITO.....	20
3	SIGMUND FREUD E SUA OBRA	22
4	SOBRE A VIOLÊNCIA NA OBRA DE FREUD.....	35
4.1	A questão da agressividade	37
5	PENSANDO E DISCUTINDO A VIOLÊNCIA COM FREUD	54
5.1	Totem e tabu (o mito da horda primitiva).....	56
5.2	Reflexões para os tempos de guerra e morte (ou o estado violento e antiético).....	63
5.3	Psicologia de grupo e a análise do ego e o problema econômico do masoquismo (ou a origem do narcisismo das pequenas diferenças)	66
5.4	O mal estar da civilização	70
6	CONCLUSÃO	82
	REFERÊNCIAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

A violência não é um fato novo. Vamos nos deparar com esta frase sempre que nos defrontarmos com algum trabalho sobre as origens da violência, seja pelo lado empírico, seja pela perspectiva teórica.

O termo violência tem sido usado como referência para uma multiplicidade de ações e agentes. Violência do Estado, violência da mídia, violência da exclusão social, violência de certos rituais, violência de atos criminosos – roubos, sequestros, assassinatos – violência do trabalho infantil, violência da infância, violência contra a mulher, violência nas relações cotidianas, violência dos pequenos gestos, violência presente na constituição do psiquismo [...]

Algumas dessas experiências não deixam dúvidas quanto ao seu efeito violento, outras, porém, são mais sutis e implicam aquilo que Foucault (1977) chamava de docilização de corpos (SOUZA, 2005, p. 28-29).

Neste trabalho não será diferente. Rechaçando de pronto a ideia de que ela deva ser naturalizada pela biologização, será encarada pela sua complexidade, exercida tanto pela concretude empírica quanto pelas diversas formas de subjetivação dos indivíduos e de seus grupos. Vale dizer, nas manifestações humanas, em atos e subjetividades que permitam laços sociais, em que o objetivo e o subjetivo não se separam.

Pretendo, pois, elencar algumas observações sobre suas origens, através da obra de Sigmund Freud.

O tema da violência tornou-se, na atualidade, um assunto de grande intensidade, repercutindo nas discussões de sociólogos, filósofos, antropólogos, psicanalistas, políticos, policiais, juristas, cientistas e até de religiosos. Quem se dispuser a ler com profundidade a obra de Freud¹ (1856-1939) certamente se dará conta de que a palavra violência nela não aparece com frequência, muito menos está ali conceituada. Será necessário, pois, como que deslizar nas suas concepções que permitirão trazer à tona algumas discussões em que nosso objetivo, com o presente trabalho, possa emergir.

¹ Todas as obras citadas neste estudo foram consultadas na edição de 1990 da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, por isto a fonte citada será sempre com a data original.

Ocupando considerável espaço nas mídias, nas redes sociais ou nos debates acadêmicos, o tema da violência preencheu de maneira insofismável discussões entre os frequentadores das aulas/reuniões das disciplinas "Promoção de saúde e paz e prevenção da violência I e II" nos anos de 2013 e 2014. Mestrandos, candidatos, convidados e professores, ao discutirem seus projetos de forma livre e aberta, chegaram todos à conclusão de que qualquer escala das suas propostas tocava em alguns pontos que pudessem se ligar a alguma violência, fosse ela intencional ou não.

Tal clima de debates favoreceu minhas intervenções a ponto de poder avançar na minha proposta de pesquisa de modo que esta apresentasse ligações teóricas com vários trabalhos ali apresentados e discutidos. Assim, toda a inquietação que me move e orienta minha prática profissional na clínica psicanalítica - com as bordas que insisto em trabalhar, sobretudo a sociologia, a antropologia e a filosofia política, transversais à psicanálise contemporânea - poderia estar contemplada no trabalho, que longe de ser completo, me desafia a plotar alguns pontos de uma cartografia em parte da obra de Freud.

A Psicanálise, criada por Sigmund Freud, inseriu-se definitivamente em diversas áreas do conhecimento, levando, inclusive, discussões até mesmo nas concepções das chamadas 'ciências duras'². Ao trazer a polêmica sobre a sexualidade do ser humano contradizendo e refazendo a medicina e a psicologia de sua época, Freud alinhou-se aos grandes pensadores da humanidade.

Mesmo que alguns possam ler Freud no mesmo caminho de Roger Dadoun (DADOUN, 1998) e René Girard (GIRARD, 1990), penso que a criação da sua *metapsicologia* (BIRMAN, 2009) ou *teoria pulsional* (FREUD, 1915a) e o exame diferenciado do conceito de *agressividade*, (FREUD, 1930) vão permitir que ele tome

² A esse respeito, consultar: Tatiana, S. Trilhando caminhos para uma ciência psicanalítica – O lugar da Psicanálise na investigação científica, disponível em <http://www.artigonal.com/authors/1152678>, e <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0527.pdf>, Nathalia, S. e Monah Winograd in A ciência de Freud: Introdução ao problema da cientificidade na Psicanálise, disponível em http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S1984-02922010000100006&pid=S1984-02922010000100006&pdf_path=fractal/v22n1/v22n1a06.pdf, Jornal da Psicanálise: Entrevista com Cláudio Eizirik, Psicanálise: Investigação e produção teórica, disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a02.pdf>. Os autores realizam reflexões sobre a epistemologia, investigação e cientificidade da Psicanálise. (Todos esses autores realizam reflexões sobre a epistemologia, investigação e cientificidade da Psicanálise).

uma direção absolutamente original, contrária dessa concepção naturalizada ou religiosa sobre a violência. Ambos, aliás, em suas dissertações, elegem Freud como fiador de algumas de suas concepções.

Assim, Dadoun (1998) ao discutir sobre o poder e a violência, seguindo Hobbes (1568-1679) e Maquiavel (1460-1527), expressa que "a violência nunca se apazigua" e chama Freud para testemunhar:

A mitologia política de Freud, em Totem e Tabu, narra uma dupla violência originária: violência bruta, maciça, exercida por um Macho todo poderoso sobre todos os membros de horda primitiva, apropriando-se de todas as mulheres, castrando ou matando os filhos tornados rivais; e violência conciliada, pontual, dos irmãos unidos para se livrarem do Déspota, figura arcaica do Um totalitário, e instaurarem uma sociedade verdadeiramente humana, com estas duas grandes instituições primitivas que são o totemismo, culto do Ancestral assassinado, e a exogamia, tabu recaído sobre as mulheres do grupo, pela posse das quais originalmente o crime havia sido cometido. [...] os afetos exacerbados favorecem o retorno da violência arcaica. (DADOUN, 1998, p. 94).

Ao contrapor o seu *homos violens* ao *homo sapiens*, Dadoun não deixa dúvida na conclusão da sua obra aqui citada:

Crimes, massacres, genocídios, assim como angústias e terrores sem fim – nada do que há de pior na violência é estranho ao homem. [...] é preciso ver nisto um fato estruturante que designa o homem como sendo fundamentalmente, primordialmente, um ser de violência, *homo violens* (DADOUN, 1998, p. 101).

E ainda:

Nosso propósito agora é o de introduzir uma outra característica do homem, que consideramos primordial, essencial, e até mesmo constitutiva de seu ser, a saber: a violência. *Homo violens*, tal como o apresentamos e analisamos aqui, é o ser humano definido, estruturado, intrínseca e fundamentalmente pela violência (DADOUN, 1998, p. 8).

No caso de Girard, como expõe Edgard de Assis Carvalho (GIRARD, 1990) na apresentação da complexa obra aqui citada:

[...] os homens são governados por um mimetismo instintivo responsável pelo desencadeamento de "comportamentos de apropriação mimética" geradores de conflitos e rivalidades de tal ordem, que a violência seria um *componente natural das sociedades humanas* a ser incessantemente *exorcizado pelo sacrifício de vítimas expiatórias* (GIRARD, 1990, p.7, grifos nossos).

A interlocução com Freud é sua tese de que a violência é deflagrada pela 'mola do desejo', interlocução esta que o afasta da visão freudiana, tanto do desejo quanto da concepção da violência. Para Girard, dada à natureza mimética do desejo, os homens tendem a desejar os mesmos objetos. O conflito então se torna inevitável, pois disputaremos a posse daqueles objetos. O conflito então se torna inevitável, pois disputaremos a posse daqueles objetos. Através da leitura comparativa de mitos e textos literários, Girard propõe que a violência de todos contra todos somente é apaziguada quando se metamorfoseia em violência de todos contra um único membro do grupo. Trata-se do mecanismo do bode expiatório que permitiu disciplinar a violência primordial. Os ritos e mitos originários seriam assim formas culturais de elaboração do mecanismo matriz da cultura humana. Por isso, a violência e o sagrado seriam inseparáveis.

Embora Dadoun e Girard sigam caminhos distintos ao falar de violência, há um ponto comum entre os dois: a violência faz parte das características do ser humano; ela é de todos e está em todos, é intrínseca, é intestina.

Já Freud (1921) ao tratar da elaboração do seu complexo de Édipo (ROUDINESCO, PLON, 1998; KAUFMANN, 1996) que de alguma maneira vai conduzir seu pensamento quando trata de fatos e versões da violência, trabalha com o conceito de *identificação* (FREUD, 1921; BIRMAN, 2003; ROUDINESCO; PLON, 1998; KAUFMANN, 1996). Na atualidade, a inscrição da *identidade* (BIRMAN, 2003, p.11) ocupa um lugar estratégico. Ela está presente nos conflitos étnicos, nas definições de gênero, raça e outras situações em que, a partir dela, conflitos, violentos ou não, se instalam. A Psicanálise, como um discurso e prática sobre a subjetividade, não poderia ficar alheia às interpelações decorrentes de tais conflitos (PINHEIRO, 2003, p.12).

O caráter estratégico mencionado acima se deve ao fato de que Freud, no decorrer da sua obra, vai desenvolvendo as noções, ora de identificação ora de identidade que, na articulação com outras categorias, vão se modificando. Já no tempo de sua correspondência com Fliess menciona que de uma maneira 'ainda muito descritiva', o termo identificação, consignado aqui como 'o desejo recalcado de agir como', de 'ser como alguém' (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 363, 364).

Nesse ponto,

[...] Só podemos abordar, portanto, em relação a outros termos: incorporação (Einverleibung), introjeção (Introjektion), investimento (Besetzung) e posição (Einstellung).

[...] Inicialmente, poderíamos dizer que as identificações são uma lenta hesitação entre o "eu" e o "outro", ao passo que a identidade é finalmente encontrar um eu que poderia (ilusoriamente) estar livre de qualquer relação de objeto. Quando se toma do outro, não se corre o risco de deixar de ser si mesmo? Não remete isso ao oposto da introjeção, que é a projeção, recusa de reconhecer uma identidade de sentimentos ou de pensamentos entre si mesmo e o outro, ou a expulsão sobre o outro do que não se reconhece em si mesmo? (KAUFMANN, 1996, p.256).

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud começa a dar um tratamento teórico à identificação, ao distinguir imitação histérica de identificação histérica, na narrativa do sonho da "bela açougueira", (FREUD, 1900), continua sua elaboração nos textos *A sexualidade infantil* (FREUD, 1905) e *Sobre o narcisismo* (FREUD, 1914), mas sua importância metapsicológica realmente vai se definir na virada teórica iniciada em 1920, quando publica *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921), em que dedica um capítulo inteiro à identificação, quando expõe a identificação "como expressão primária de uma ligação afetiva com outra pessoa" (ROUDINESCO, PLON, 1998, p.364).

Para aprofundar tal tema e por estar dentro do escopo dos objetivos do nosso trabalho, trataremos do tema mais tarde.

Na sua *teoria pulsional* (FREUD, 1915a; BIRMAN, 2009a; ROUDINESCO; PLON, 1998) Freud admite a existência de pulsões parciais, de tal maneira que duas delas, a de destruição e a de domínio, não se vinculam obrigatoriamente nem à violência biológica nem às ramificações com o sagrado.

Ainda que não seja objeto desse trabalho, considero importante ressaltar que minha leitura da obra de Freud - desde seus denominados textos culturais, cujo grande expoente é *O mal estar da civilização* (FREUD, 1930) - considera que tanto a perspectiva relacional da antinomia entre as polaridades das pulsões e do seu confronto com a civilização, quanto a matriz de criação e desenvolvimento do seu *Complexo de Édipo* (FREUD, 1923, p.46), oferecem a oportunidade de se criar, no mínimo, uma pista para o desenvolvimento de uma tendência que torna possível a

admissão de um salto do estritamente individual para um processo histórico e coletivo.

Assim, seus primeiros passos com a psicologia individual, a princípio desenhada, vão se abrindo até serem incluídos, por necessidade, em uma psicologia muito mais abrangente, por estarem ocultos na atomização individual. O desentranhamento da psicologia individual, quando estendida neste processo histórico/coletivo, permite que ela possa se mover para fora da superfície dos fenômenos dos quais busca dar conta. Não há por onde entender a concepção estratégica da obra freudiana sem que se considere seu horizonte histórico e antropológico.

Além de um grande esforço para tangenciar o mal-estar do sujeito na modernidade, a Psicanálise, nessa ótica, torna-se um poderoso auxiliar para o estudo da violência. Por ser uma das pedras angulares de todo o arcabouço comportamental da vida contemporânea, a violência deve estar sob o foco da Psicanálise. Mesmo quando abordada no ambiente clínico, aquele do um a um, ou nos registros dos casos de colegas que tenho tido oportunidade de ouvir, ler, ou mesmo no meu atendimento próprio, haverá um componente de violência, física ou simbólica, escondido nos recônditos do inconsciente, que de resto está presente nos "romances familiares" de todos nós (FREUD, 1909, p. 241-243).

1.1 Justificativa

Desde o momento em que comecei a participar do grupo de estudos sobre violência, no curso de mestrado "Promoção da saúde e prevenção da violência", dei-me conta de como na Psicanálise, mas, sobretudo, entre os psicanalistas é comum evitar o enfrentamento direto do tema violência. Em contrapartida, considero ser a Psicanálise o grande discurso e a melhor prática que podem responder aos complexos assuntos e às diversas interrogações apresentadas pela sociedade contemporânea, por seus indivíduos, ou pelo seu coletivo, para aprofundar as discussões sobre a violência. Seu grande diferencial é justamente alcançar alguns fatores ligados ao *inconsciente* que escapam do discurso da ciência canônica, apresentados em causalidades e efeitos cuja discursividade ou quantidades deixam consideráveis lacunas. Ao lado de outros saberes, formando um espectro inter e

transdisciplinar, a Psicanálise pode ser protagonista na busca de caminhos para o enfrentamento da violência ascendente enfrentada pela sociedade contemporânea.

É o que faz Costa (1986) com sua obra praticamente pioneira, "Psicanálise e violência", cuja temática é contradizer algumas das afirmações de causalidade e genealogia que, a seu juízo, não poderiam ser acolhidas como lógicas ou consequentes e explicativas na teoria e na clínica da Psicanálise:

Em contraste com a indiscutível relevância social do problema (a violência, grifo nosso), percebemos que pouca ou nenhuma atenção lhe vem sendo dada pelo pensamento psicanalítico no Brasil. [...] O uso do termo violência em psicanálise continua sendo confuso, impreciso e, às vezes, claramente estapafúrdio (COSTA, 1986, p. 9-10).

Em que pese tais afirmações terem sido expostas há quase trinta anos e certas lacunas terem sido amenizadas, o núcleo assertivo de Costa permanece em nosso meio, embora eu não possa concordar com diversas de suas refutações, como por exemplo, sua concepção de que "nada que o homem fez e que o torna humano nasceu da violência e sim contra ela", ao tratar do célebre diálogo entre Freud e Einstein sobre as vicissitudes das guerras (FREUD, 1933).

Também Marin (2002), em valioso trabalho "Violências" discute o tema sob vários ângulos, mas com predominância do discurso psicanalítico, tanto na clínica quanto na teoria, quando a autora "opera uma multiplicidade de tensões e oposições" (MARIN, 2002, p.11). Em continuidade, no excelente prefácio da obra, o prefaciador, Sérgio Adorno, continua:

O estudo parte de uma constatação. Nossa contemporaneidade nega a violência. Recusa legitimidade discursiva à violência. No entanto, estamos diante de uma civilização que mais fala de seu próprio desatino. Porque a nega, se faz proliferar as imagens, os símbolos, as representações e corporificações de sua presença ? [...] É no interior desse paradoxo, do mesmo de si próprio, que se arma a dialética da violência, isto é, de sua negação e simultânea afirmação. [...] este ensaio revisita temas clássicos: o mal estar da civilização; as tensões entre pulsão de vida e morte; o jogo entre o desejo, gozo e prazer, dor e sofrimento; a violência como sintoma social (MARIN, 2002, p. 11-12).

São notáveis no trabalho de Marin as abordagens das contingências entre a violência e contemporaneidade, da violência como espetáculo e da violência como solução subjetiva do desamparo que assujeita os indivíduos tanto no seu aspecto individual como no 'socius'.

No já citado livro *Violências*, Souza (2005) realiza um trabalho interdisciplinar cuidadoso e frutífero entre diversos saberes, notadamente com a Sociologia, a Filosofia Social e a Literatura, colhendo e captando de importantes autores da Psicanálise as suas concepções sobre a violência.

Do grupo acadêmico citado alhures, constituído por profissionais de várias áreas, fluíam trabalhos, ideias, projetos e palavras, todos envolvidos pela angústia de uma possível "protoprofilaxia" - dos quais emergiam desde alternativas de subjetivações pensadas para além de um modelo familiar até a fantasia de uma realidade que se amparava nos ditames da assistência social, da saúde, do direito, da segurança ou da justiça. Pairando sobre nós havia ali sempre restos ou sobras de uma análise institucional que ficavam aquém dos mecanismos perversos de controle das diversas instituições às quais pertencíamos.

Minha inquietação permitiu que as questões do desamparo relacionadas às subjetivações ou dos ditames de regulamentações das áreas da segurança, do direito ou da saúde fossem ultrapassadas, gerando o desejo de ampliá-las com o sentido de alinhar um fio que pudesse tecer, cartograficamente, o 'constructo' de um projeto que bordejasse tais áreas como um todo, sem pretensão de ser Uno.

Para o estudo da violência hoje, os paradoxos da sociedade contemporânea, externados por meio de um narcisismo em que a satisfação pessoal nos conduz às regulações muito mais ligadas às imagens do que a critérios éticos - o lugar da Lei - propriamente ditos, não nos permitem mais ficar presos nem aos sintomas sociais - entendidos "como aquilo que se produz a partir do discurso dominante de uma sociedade num dada época" (FLEIG, 1998), como acontece na maioria dos trabalhos psicanalíticos, em que a cultura é tomada como civilização nos moldes do pensamento freudiano - nem tampouco a exposições fenomenológicas dos vários agravos dos trabalhos epidemiológicos da área da saúde ou às descrições tabulares das áreas do direito, da segurança ou da justiça.

Entendo que a *pulsão (Trieb)* freudiana, na sua concepção parcial da destrutividade, continua a ser o principal componente para o estudo da violência.

Trieb, tal qual usado em alemão, entrelaça quatro momentos, que conduzem do geral ao singular. Abarca um princípio maior que rege os seres vivos e que se manifesta como *força* que coloca em ação os seres de cada espécie; que aparece fisiologicamente "no" corpo somático do vivo do sujeito como se *brotasse* dele e o aguilhoasse; e, por fim, que se manifesta "para" o sujeito, fazendo-se representar ao nível interno e íntimo, como se fosse sua vontade ou um imperativo pessoal. No texto freudiano também, a palavra mantém estas características de uso.

Estes significados estão todos muito próximos e sempre correlacionados com um núcleo básico de sentido: *algo que "propulsiona", "coloca em movimento"*. (HANNIS, 1996, p.338, grifo nosso).

Importante salientar que o mesmo autor citado acima, ao referenciar vários usos do termo em alemão e ao fazê-lo para a visão na Bíblia judaica lida por Freud, menciona Théo Pfrimmer no livro "Freud leitor da Bíblia" (1882), escrevendo o seguinte comentário daquele autor, nas páginas 344-345:

"Para Freud, a pulsão de destruição é também mais antiga, e ele traz com seu conceito de compulsão à repetição uma luz decisiva a respeito da renovação constante do que a literatura rabínica chama de pulsão má. Em certa medida, pode-se considerar boa parte de sua teoria das pulsões como uma retomada hermenêutica daquilo que lhe foi dado na infância" (apud HANNIS, 1996, p.342).

Embora Freud não mencione com frequência na sua obra a palavra *violência*, é lícito supor que a relação agressividade/violência encontra-se nas cogitações de Freud em várias oportunidades, juntando-se ao processo primordial da integração com a sexualidade, costumeiramente tratado como único na obra freudiana. Não se pode esquecer que alguns dos mais proeminentes psicanalistas pós-freudianos, como Ferenczi (1873-1933), Melanie Klein (1882- 1960), Winnicott (1886-1961) e Jacques Lacan (1901-1981), entre outros, sobretudo quando chamados a dissertar sobre questões da criminologia, vão encontrar argumentações expressivas sobre as relações pulsão/violência.

[...] Assim, por exemplo, em 1928, Ferenczi apresenta o trabalho "Psicanálise e criminologia". Melanie Klein também, a partir da preocupação com a criminalidade, vai desenvolver, apoiando-se, ela sim, na concepção freudiana de pulsão de morte, uma teoria que aponta como todas as representações parentais são objetos de dinamismo imaginários violentos. Ela se preocupará claramente com a violência primitiva infantil, considerando inclusive, elementos constitutivos destrutivos na sua concepção de pulsão de morte. Artigos como "Tendências criminosas em crianças normais" (1927) e "Sobre a criminalidade" (1934) são expressivos dessas concepções (MARIN, 2002, p.24, grifos do autor).

Tanto Winnicott, em 1987, com a publicação de *Privação e delinquência* como Lacan, em 1984, com *A agressividade em psicanálise*, e em 1950, com *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*, elaboraram trabalhos sobre o resgate da agressividade na construção da subjetividade (KAUFMANN. 1996).

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Elaborar observações para preparação de uma cartografia da violência investigando a obra de Sigmund Freud em algumas de suas relações com a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia Geral e a Filosofia Política.

1.2.2 Objetivo específico

Contribuir para o desenvolvimento de acervo teórico do Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.

1.3 Metodologia e técnica de abordagem: a exegese e hermenêutica necessárias

Diante do fato de que minha tentativa é a de extrair alguns pontos de parte da obra de Freud onde se possam vincular cartograficamente alguns elementos sobre a violência, forçosamente terei de escolher alguns de seus textos de modo a alcançar meu objetivo de realizar as observações para a conclusão do meu desiderato. Para isso realizarei uma '*piccola exegesi/ermeneutica*' de Freud.

2 FREUD: O DESCENTRAMENTO DO SUJEITO

Um importante esclarecimento conceitual nesse trabalho diz respeito às discussões sobre a noção do sujeito na Psicanálise porque nela o sujeito cartesiano ou de fundo fenomenológico é problematizado.

Freud adverte que,

[...] a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar o *ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa*, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do *que acontece inconscientemente em sua mente "pois tem no inconsciente o lócus de sua verdade e de sua enunciação"* (FREUD, 1917a, p.336, grifo nosso).

Mais adiante,

É assim que a psicanálise tem procurado educar o ego. Essas duas descobertas – a de que a vida dos nossos instintos [pulsões] sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança – essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que o *ego não é senhor da sua própria casa*. [...] Não é de espantar, então, que o ego não veja com bons olhos a psicanálise e se recuse obstinadamente a acreditar nela (FREUD, 1917b, p. 178).

O que leva Birman a enunciar que:

[...] Antes de tudo, o descentramento do sujeito, indicado pela noção de inconsciente, inauguradora da psicanálise (Freud 1900). Com esse conceito, o discurso freudiano rompeu com a tradição da filosofia do sujeito, ao formular que este não se inscreve nos registros do eu e da consciência, pois tem no inconsciente o *lócus* de sua verdade e de sua enunciação. Com isso, o eu não mais domina os processos psíquicos, ficando à mercê das incidências do inconsciente (PINHEIRO, T., 2003, p 14).

Essa chamada tem importância pelo fato de que na articulação dos processos de formação das subjetividades com a violência é comum lançar-se mão do conceito de sujeito. Na Psicanálise, tal discussão passa a ter grande relevância a partir de Jacques Lacan na década de 1960. Sujeito, no nosso entendimento, que será exposto no trabalho, é o que figura no *Dicionário de Psicanálise*, de autoria de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon (ROUDINESCO; PLON, 1998):

Termo corrente em psicologia, filosofia e lógica. É empregado para designar ora um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo (ROUDINESCO; PLON, 1988, p.742).

A partir de Freud, com a publicação de "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" (FREUD, 1911), a Psicanálise vai desconstruir a noção do sujeito autônomo, indivisível e racional, indicando que tais atributos seriam ilusórios, mesmo ainda acreditando que seria pelo trabalho do "Eu" é que se constituiria a unidade perdida com a inserção do erotismo, pelo *princípio do prazer*, como descrito por Birman (PINHEIRO, 2003, p.14):

Marcado pelo imperativo do erotismo, o inconsciente é dominado pelo princípio do prazer, tendo na fantasia sua regulação fundamental. "[...] o eu e a consciência se regulam pelo princípio da realidade, que impõem limites aos imperativos dos fantasmas em nome da objetividade (FREUD, 1912)." [...] Assim, como instância psíquica de auto conservação, o eu foi anunciado como signo de acesso à verdade e à objetividade.

Seguindo o roteiro traçado por Birman (PINHEIRO, 2003, p.16-24) até que Freud chegue à sua concepção de "mal-estar" (FREUD, 1930), em que reforça sua crença na impossibilidade de haver, na Psicanálise, uma oposição entre psicologia individual e coletiva, um longo caminho teve que ser percorrido. Importa, aqui, nesse momento, ressaltar a virada sobre a concepção cartesiana do "Eu" (Sujeito) como o centro do mundo e a convicção de que Freud estava, naquele momento, tratando do fato histórico de que o sujeito, ao se defrontar com os 'insuperáveis impasses da modernidade', se coloca no *desamparo*, "pela mediação de um discurso, o da ciência, incapaz de dar conta desse desamparo" (PINHEIRO, 2003, p.22).

Acredito que consegui aqui esclarecer a dificuldade e a minha escolha conceitual sobre como abordar o sujeito na modernidade, à luz da Psicanálise.

3 SIGMUND FREUD E SUA OBRA

Schlomo Sigismund Freud, ou Sigmund Freud, como ele se reconhece e foi reconhecido, teve centenas de obras publicadas a seu respeito, sendo algumas delas biografias. Sua obra, traduzida em mais de trinta línguas, é composta de cento e vinte e três artigos em vinte e quatro livros. Calcula-se que tenha escrito quinze mil cartas, das quais cerca de dez mil encontram-se depositadas na Biblioteca do Congresso, em Washington. A obra de referência, única em edição crítica, ainda é a edição inglesa denominada "*Standard Edition of the complete Psychological Works of Sigmund Freud*" origem de coleções traduzidas em vários idiomas. A tradução diretamente do original alemão e publicada integralmente foi feita em apenas outras quatro línguas - inglês, italiano, espanhol e japonês. No Brasil, ela é conhecida como "*Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*", cuja primeira edição é de 1969 (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 272).

Com a entrada em domínio público da obra de Freud, a partir de 2010, qualquer editora pode providenciar novas traduções sem pagar direitos autorais e, sobretudo, sem qualquer tipo de controle ou supervisão, como ocorria até então. É o caso da recente edição da editora Autêntica, denominada "Obras incompletas de Sigmund Freud", que apesar do nome, se dispõe a traduzir diretamente do alemão toda a obra de Freud, oferecendo uma nova maneira de organizar e de tratar os textos, diferente da Edição Standard (GRUPO AUTÊNTICA, s.d.)

A seu respeito foi escrito, por exemplo:

Não se podia imaginar um indivíduo de espírito mais intrépido. Freud ousava a cada instante expressar o que pensava, mesmo quando sabia que inquietava perturbava com suas declarações claras e inexoráveis; nunca procurava tornar sua posição menos difícil através da menor concessão, mesmo de pura forma. Estou convencido de que Freud poderia ter exposto, sem encontrar resistência por parte da universidade, quatro quintos de suas teorias, se estivesse disposto a vesti-las prudentemente, a dizer "erótico" em vez de "sexualidade", Eros em vez de "libido" e não ir sempre até o fundo das coisas, mas limitar-se a sugeri-las. Mas, desde que se tratasse de seu ensino e da verdade, ficava intransigente; quanto mais firme era a resistência, tanto mais ele se afirmava em sua resolução. Quando procuro um símbolo da coragem moral – o único heroísmo no mundo que não exige vítimas – vejo sempre diante de mim o belo rosto de Freud, com sua clareza viril, com seus olhos sombrios de olhar reto e viril (STEFAN ZWEIG, 1942 apud ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 273).

Ao mudar-se, com sua família, para um bairro judeu de Viena, entre 1865 e 1873 cursou o que poderia ser comparável ao nosso ensino médio, quando conheceu um jovem romeno, Edouard Silberstein (1856-1925), com quem manteve sua primeira grande correspondência intelectual. Silberstein, que tinha um pai 'parcialmente louco', ortodoxamente talmúdico, aspirava ao livre pensamento, tendo em Freud um interlocutor de primeira ordem. As cartas trocadas por eles, entre 1871 e 1881, revelam vários aspectos da personalidade do Freud adolescente: antirreligioso, "sensual e revoltado," partidário da emancipação das mulheres, e pensando seriamente em ser filósofo. Já nessa época, marcado pela cultura de Viena, travou uma discussão tanto interna quanto externa com Silberstein sobre as proposições de dois grandes pensadores alemães, o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1756-1833) e o psicólogo Johan Friedrich Herbart (1776-1841) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.713).

Freud começa seus estudos de medicina em 1873, apaixonando-se pela ciência positiva e pela biologia darwiniana, tendo esta se tornado um modelo para todos os seus trabalhos. Em 1875, estimulado pelo seu professor de zoologia, Carl Claus (1835-1889), recebeu uma bolsa de estudos para ir a Trieste estudar a vida das enguias machos de rio. Em um texto publicado em 1877 mostra um Freud trabalhando com células nervosas, os futuros neurônios que ele descobriria no seu "Projeto para uma psicologia científica", de 1895. (Freud, 1895). Após tal experiência, Freud passa da zoologia para a fisiologia e vai trabalhar no laboratório do então famoso Ernst Wilhelm von Brücke (1819-1892). Aí conheceu e fez grande amizade com Josef Breuer (1842-1925) que viria a ser seu parceiro em duas obras escritas em conjunto. Entre 1879 e 1880, enquanto fazia o serviço militar, traduziu quatro ensaios de John Stuart Mill, filósofo inglês, que viria a tornar-se um grande teórico do liberalismo político (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.273-274).

Depois de obter seu diploma de medicina, em 1882, fica noivo daquela que seria sua esposa, Martha Bernays, quando então passa à atividade clínica, deixando a de pesquisador. Trabalhou em três hospitais e em um deles sofreu um grande trauma: o do suicídio de um colega, Nathan Weiss (1851-1883). Datam dessa época os estudos de Freud sobre a cocaína, que pensava o tornariam célebre e longe da pobreza, para assim se casar com Martha, advindo daí outro grande trauma que lhe

rendeu grandes problemas: de fato, ele perdeu pelo menos um paciente na sua aposta na cocaína. Ernst von Fleischl-Marxow (1847-1891), um médico seu amigo, viciou-se em heroína por conta do tratamento contra a dor de uma amputação de um polegar no trabalho de laboratório. Freud acreditava que a cocaína fosse um remédio ainda não testado para o tratamento do vício em opiáceos e o recomendou ao amigo. Em pouco tempo Fleischl-Marxow se tornou dependente da droga, tendo morrido aos 45 anos de idade em decorrência do seu uso abusivo (ROUDINESCOU; PLON, 1998, p.274).

Nomeado *Privatdozent* (professor extraordinário) de neurologia, em 1885, pela Universidade de Viena, Freud recebe uma bolsa para ir a Paris, onde encontrou o grande médico psiquiatra Jean-Martin Charcot (1825-1893), cujos estudos sobre a histeria fascinavam Freud. Adepto da hipnoterapia, Charcot teve decisiva influência para que Freud chegasse à invenção da sua Psicanálise. De volta a Viena estabeleceu-se como médico particular, além de clinicar, como neurologista, no primeiro instituto público de pediatria, na Clínica Steindlgasse. Ainda em 1866 fez uma conferência sobre histeria masculina e foi duramente rechaçado, principalmente por ter atribuído suas noções etiológicas a Charcot, causando um grande mal-estar entre os médicos vienenses, que julgavam já conhecer tais causas (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.274).

Em 1887, conheceu aquele que seria o seu grande interlocutor, um verdadeiro 'alter ego', *Wilhelm Fliess* (1858-1928), médico alemão que realizava pesquisas sobre fisiologia e bissexualidade. "Era o início de uma longa amizade e de uma soberba correspondência íntima e científica". Em 1891, instala-se num apartamento cujo endereço talvez seja o mais famoso do mundo, a Bergsasse, 19, em Viena, onde ficou até ser obrigado a se exilar, em Londres, no ano de 1938, por conta da perseguição nazista sofrida na Segunda Guerra Mundial. Durante um ano, ao tratar mulheres da burguesia vienense, na perseguição da cura e do alívio das doenças causadoras do sofrimento psíquico, utilizou-se dos métodos até então aceitos na sua época, como massagens, hidroterapia e eletroterapia. Convencido de que tais métodos não traziam nenhum efeito terapêutico, começa a usar a hipnose inspirada na *sugestão* preconizada por Hippolyte Bernhein (1837-1919) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.274-275).

Ao escolher tal método Freud se coloca no meio da disputa travada sobre a hipnose, utilizada por Charcot, e a sugestibilidade, de Bernheim. O primeiro incorpora a hipnose a um estado patológico e se serve dela, não como meio terapêutico, mas para provocar crises convulsivas a fim de dar um estatuto de neurose à histeria. Por isso, Bernheim o acusa de manipular pacientes e fabricar artificialmente sintomas histéricos, porquanto, para ele, os efeitos obtidos pelo hipnotismo poderiam, também, ser conseguidos por uma "sugestão, em estado de vigília, pela fala", substituindo o olhar. Estava, assim, criada aquilo que se chamou, depois, de psicoterapia. Essa disputa, da Escola de Salpêtrière, (de Charcot), contra a Escola de Nancy (de Bernheim), sustentou-se por mais de dez anos (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.61; p.624).

Do mesmo modo, pode-se dizer, Sigmund Freud inventou a Psicanálise abandonando a hipnose pela catarse sem nem mesmo adotar a sugestão. Destruiu simultaneamente as teses de Berheim e as de Charcot, ainda que se inspirando nessas duas experiências. De Charcot, tomou uma nova conceitualização da histeria e de Berheim o princípio de uma terapia pela palavra (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.62)

A propósito, Freud, em sua autobiografia de 1925, ao se referir às experiências com Berheim e Charcot, escreve:

Assim, abandonei o hipnotismo, conservando apenas meu hábito de exigir do paciente que ficasse deitado num sofá enquanto eu ficava sentado ao lado dele, vendo-o, mas sem que eu fosse visto (FREUD, 1925, p.41).

Em 1891 publica "*Contribuição à concepção das afasias*" (FREUD, 1891) onde propõe uma abordagem funcional para o estudo dos distúrbios de linguagem, articulando o que no futuro definiria como 'aparelho psíquico', encontrado na sua metapsicologia (FREUD, 1915c). Encontraremos a definição literal de aparelho psíquico somente no "Esboço de psicanálise", em 1938, um trabalho inacabado de Freud:

Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e ser constituído por diversas partes - ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero. Não obstante algumas tentativas anteriores no mesmo sentido, a elaboração sistemática de uma concepção como esta constitui uma novidade científica (FREUD, 1938, p.169).

A importância dessa colocação é que Freud insiste na sua proposta associacionista no lugar de uma abordagem neurofisiológica de localizações cerebrais, de tal modo que o aparelho representa aquilo que não conhecemos, para nos permitir conhecê-lo, ou ao menos imaginá-lo ou construí-lo.

Já trabalhando com Breuer, em 1897, Freud, com nome já proposto para 'professor extraordinário' na Universidade de Viena, foi, finalmente, nomeado em 1902. No espaço de sua grande amizade com Fliess talvez tenham ocorrido os maiores acontecimentos da vida de Freud, testemunhados pela vasta correspondência trocada entre eles (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.275).

Na carta 52, de 06 de dezembro de 1896 (MASSON, 1986, p.208), por exemplo, Freud expõe a Fliess a sua concepção de "aparelho psíquico" (KAUFMANN, 1996, p.45) conceito que jamais abandonou, tendo apenas reconstruído seus parâmetros.

Na também célebre Carta 69, de 21 de setembro de 1897 (MASSON, 1986, p.265), na qual Freud, numa frase angustiada, comunica a Fliess: "eu não acredito mais na minha neurótica, o que não há de ser compreendido sem uma explicação" – marcando o abandono de sua primeira teoria da sedução (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.696, KAUFMANN, 1996, p.461) segundo a qual toda neurose se explicaria por um trauma real. Como ele próprio escreveu:

[...] devo mencionar um erro no qual incidi por algum tempo e que bem poderia ter tido consequências fatais para todo o meu trabalho. Sob a influência do método técnico que empreguei naquela época, a maioria dos meus pacientes reproduzia de sua infância cenas nas quais eram sexualmente seduzidos por algum adulto. Com pacientes do sexo feminino o papel do sedutor era quase sempre atribuído ao pai delas. Eu acreditava nessas histórias, e, em consequência, supunha que havia descoberto as raízes da neurose subsequente nessas experiências de sedução sexual na infância. [...] Quando, contudo, fui finalmente obrigado a reconhecer que essas cenas de sedução jamais tinham ocorrido e que eram apenas fantasias que meus pacientes haviam inventado ou que eu próprio talvez houvesse forçado nelas, fiquei por algum tempo inteiramente perplexo (FREUD, 1925, p.47).

O período de perplexidade teria trazido a Freud o risco de um retorno à 'ancoragem biológica da sexualidade', pelo menos na visão de Roudinesco (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.224). Entretanto, ela defende o ponto de vista de que, apesar de a

'história oficial' creditar um abandono definitivo da 'teoria da sedução' mencionada, desde a publicação de "*Estudos sobre a histeria*", Freud e Breuer (1895) "tratam das manifestações fantasísticas das histéricas":

Diversas cartas de Freud a Wilhelm Fliess atestam, por outro lado, evolução progressiva de Freud nessa questão. Assim, em dois de maio de 1897 ele assinala que, se a estrutura da histeria constitui-se pela reprodução de algumas cenas, talvez seja preciso, para chegar a elas, passar pelas 'fantasias interpostas'. Em 25 de maio seguinte, no *Manuscrito M* (E.S.B. vol. I, p. 346), um parágrafo inteiro é dedicado às fantasias, consideradas do ponto de vista de sua formação e seu papel em termos próximos aos que ele empregava para falar dos sonhos. Esse ponto encontra confirmação alguns dias depois, no *Manuscrito N* (idem, p. 351), onde o processo de formação dos sonhos é evocado como modelo de formação das fantasias e dos sintomas (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.224. [as referências dos manuscritos são minhas]).

Freud trata de sair dessa perigosa ambiguidade quando formula sua concepção de fantasia como conceito (ROUDINESCO; PLON, 1998; KAUFMANN, 1996), amparada no que já havia elaborado na primeira parte de *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900), criando o conceito de realidade psíquica levando-o a distingui-la da realidade material e externa (ROUDINESCO; PLON, 1998). Em que pesem as discussões em torno das dimensões neurológicas ou psicológicas que possam estar presentes nessa concepção, o que nos interessa, no momento, é admitir que no núcleo irreduzível do psiquismo, "registro dos desejos inconscientes", a fantasia é a 'expressão máxima e mais verdadeira'.

Em 12 de junho de 1900, Freud, que desde 1895 trabalhara no material que viria a ser publicado como *A Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900b), [onde seria publicado seu famoso sonho, *Injeção de Irma*] (FREUD, 1900a), escreve a Fliess sobre essa boa nova e se rejubila, perguntando:

[...] Você acredita que, algum dia, será possível ler numa placa de mármore nesta casa,
"Aqui, no dia 24 de julho de 1895, o segredo do sonho se revelou ao Dr. Sigm (sic) Freud"? Até agora, tenho pouca esperança (MASSON, 1986, p.418, grifos do autor).

O primeiro caso clínico de Freud – *O caso Dora* (FREUD, 1905a) - foi publicado em 1905. Também em 1905 publica *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b) livro que será considerado como dos principais em toda sua obra.

Já reconhecido como um grande criador, em 1902, funda, com alguns seguidores e estudiosos, a "Sociedade Psicológica das Quartas-feiras" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.719) considerada o primeiro círculo da história do freudismo. Nas reuniões desse Círculo é que foram desenvolvidas ideias sobre a aplicação da Psicanálise em todas as áreas do saber, com o próprio Freud defendendo a Psicanálise aplicada, aventurando-se a escrever uma fantasia literária: "*Delírios e sonhos na Gradiva de Jansen*", (FREUD, 1908).

É dessa época – 1907 - o encontro entre Freud e Jung, este que se tornou o primeiro discípulo não judeu de Freud. Em 1909, na companhia de Sandor Ferenczi, médico húngaro, e de Jung, Freud viaja aos Estados Unidos para conferências na Clark University, publicadas com o título de *Cinco lições de Psicanálise* (FREUD, 1910). Embora tenha tido um grande sucesso em suas palestras, Freud não assimilou bem o pensamento pragmático dos americanos. Em 1910, cria, juntamente com Ferenczi, uma associação internacional, que a partir de 1933 passa a se chamar International Psychoanalytical Association (IPA) (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.384), até hoje existente e uma das associações de alcance mundial. Composta por vários grupos, a IPA passou por várias cisões e sempre foi fortemente hierarquizada.

Um fato curioso, mas importante, porque teve influência doutrinária, foi a fundação, em 1912, de um Comitê Secreto - *O círculo do anel* - que perdurou até 1927 (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.133). A denominação deveu-se à distribuição, por parte de Freud, de um anel de ouro com insígnias gregas aos seis componentes. É bem provável que tal medida tenha sido devido às frequentes cisões e desentendimentos, sobretudo às de Karl Jung, Wilhelm Stekel (1868-1940) e Alfred Adler (1860 - 1937).

É desse período, em 1913, a elaboração e publicação de um dos seus mais famosos e controvertidos livros: "*Totem e tabu*" (FREUD, 1913). A julgar pelas anotações do editor inglês de suas obras completas, James Strachey, das quais foi traduzida a edição brasileira do mesmo nome (ESB, vol. XIII, p.14), já na sua correspondência com Fliess, Freud mencionava seu gosto pela antropologia. No "Rascunho N", de 31.05.1897, (MASSON, 1986, p. 251-254) ao estudar o 'horror ao incesto' sinaliza a

relação entre o desenvolvimento da civilização e a repressão das pulsões. Na Carta 78 escreveria:

Você consegue imaginar o que sejam "mitos endopsíquicos"? São o último produto do meu esforço mental. A tênue percepção interna do [nosso] (sic) próprio aparelho psíquico estimula ilusões do pensamento, que, naturalmente, são projetadas para o exterior e, tipicamente, para o futuro e o além. A imortalidade, a recompensa e todo o além, tudo são reflexos de nosso [mundo] (sic) psíquico interno. *Meschugge?* Psicomitologia. (MASSON, 1986, p.287).

Na Carta 144, de 04 de julho de 1901, Freud comunica:

[...] Zeus parece ter sido um touro, originalmente. Afirma-se que também nosso velho deus foi adorado como touro antes da sublimação imposta pelos persas. *Isso dá margem a toda sorte de ideias, que são prematuras demais para serem escritas* (MASSON, 1986, p.444, grifo nosso)

O próprio Freud, no Prefácio à primeira edição em alemão, ["Totem und Tabu", Leipzig e Viena, Heller, V, 149p.], menciona que:

Os quatro ensaios que se seguem [...] "Representam uma primeira tentativa de minha parte de aplicar o ponto de vista e as descobertas da psicanálise a alguns problemas não solucionados da psicologia social". [...] "Estes ensaios procuram diminuir a distância existente entre os estudiosos de assuntos como a antropologia social, a filologia e o folclore, por um lado, e os psicanalistas, por outro". [...] "No entanto, não podem oferecer a ambos os lados o que a cada um falta: ao primeiro uma iniciação adequada na nova técnica psicológica; ao último, uma compreensão suficiente do material que se encontra à espera de tratamento. Devem assim contentar-se em atrair a atenção das duas partes e em incentivar a crença de que uma cooperação ocasional entre ambas não poderá deixar de ser proveitosa para a pesquisa" (FREUD, 1913, p.17, grifos do autor).

Ao tratar os temas dos tabus e dos totens, Freud adverte que o primeiro é apresentado como um tema cujo tratamento foi "seguro e exaustivo para a solução do problema", mas para o segundo - o totemismo, "isso é o que a psicanálise pode, no momento, oferecer para a elucidação do problema do totem".

O que Freud iniciara ao escrever o posfácio do *Caso Schreber* (FREUD, 1911) reconhecendo, "com sua máxima sensibilidade", padrões totêmicos para sua análise (BERTELLI, 2009, p. 45-55), agora se expande, trazendo a Psicanálise para interagir com outros saberes, sobretudo na área da antropologia e da psicologia social.

Com o desaparecimento do império austro-húngaro (1876 a 1918), Berlim toma o lugar de Viena como capital mundial do freudismo. Com o término da primeira guerra (1914 a 1918), a questão do trauma nas anormalidades psíquicas surge com grande força, agora como neuroses de guerra. Em 1920, chamado como perito ao discutir no intenso debate que se estabeleceu após um processo sobre o comportamento médico-psiquiátrico nos casos de recuperação dos feridos e das simulações dos soldados, Freud criticou a ética médica dos que se utilizaram do choque eletroconvulsivo disparando: "todos os neuróticos são simuladores, simulam sem saber, e essa é a sua doença" (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.537).

Em que pese sua teoria mantida falocêntrica, Freud nunca foi um misógino. Sustentou várias amizades femininas e nunca se opôs a que suas amigas exercessem a clínica em Psicanálise.

A grande virada conceitual para o que se convencionou chamar de 'segunda tópica' começou em 1914/15, com a publicação de *Sobre o narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914) e *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (FREUD, 1915c) continuando com seus artigos sobre sua *Metapsicologia* (FREUD, 1915c; BIRMAN, 2009, p.28-61), culminando com três obras fundamentais: *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921) e *O ego e o id* (FREUD, 1923).

Galgado à condição de um conceito, o *narcisismo*, um fenômeno libidinal, passa a ocupar um lugar absolutamente essencial na teoria de Freud porque o desenvolvimento da sexualidade humana estaria estritamente ligado a ele. Observando o 'delírio de grandeza' dos psicóticos, Freud nomeou o narcisismo como uma atitude na qual o indivíduo trata o próprio corpo da mesma maneira como o de uma pessoa amada, mas seria, também, uma fase necessária da evolução da libido, antes que o sujeito possa se voltar para um objeto sexual externo. Narcisismo primário e narcisismo secundário (KAUFMANN, 1996, p.349) foram conceitos trabalhosos para Freud, mas serviram de ponto de partida para várias de suas elaborações futuras.

Com *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (FREUD, 1915c) confirma-se a ideia central da Metapsicologia, a dialética entre a vida e a morte, acentuando-se a oposição entre o "eu" (ego) e o "isso" (id) (KAUFMANN, 1996, p.282; ROUDINESCO; PLON, p.399):

[...] Não seria melhor dar à morte o lugar na realidade e em nossos pensamentos que lhe é devido, e dar um pouco mais de proeminência à atitude inconsciente para com a morte, que, até agora, tão cuidadosamente suprimimos? [...] Tolerar a vida continua a ser, afinal de contas, o primeiro dever de todos os seres vivos. A ilusão perderá todo o seu valor, se tornar isso mais difícil para nós. Lembramo-nos do velho ditado: *Si vis pacem, para bellum*. Se queres preservar a paz, prepara-te para a guerra.

Estaria de acordo com o tempo em que vivemos alterá-lo para: *Si vis vitam, para mortem*. Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte (FREUD, 1915c, p.339).

Além do princípio do prazer (FREUD, 1920), pode ser considerado como uma introdução à fase final e definitiva da obra de Freud. Ali é apresentada pela primeira vez a dicotomia entre Eros e Thanatos – pulsão de vida e pulsão de morte, plenamente elaborada em *"O ego e o id"*. Com isso Freud reitera a importância da *'transferência'* e da *compulsão à repetição* no desenvolvimento do tratamento das neuroses, relatando a relação entre elas e o *princípio do prazer* (ROUDINESCO; PLON, p.603; KAUFMANN, 1996, p.427). Também apresenta os sinais de uma nova estrutura anatômica da mente que dominarão todos os seus últimos trabalhos. Avançando para a importância do princípio do prazer e suas relações/limitações, Freud tomou para si o risco de realizar especulações que de tão ousadas, alguns psicanalistas rejeitaram o texto por o considerarem com pouco rigor:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. Levando esse curso em conta na consideração dos processos mentais que constituem o tema de nosso estudo, introduzimos um ponto de vista 'econômico' em nosso trabalho, e se, ao descrever esses processos, tentarmos calcular esse fator 'econômico' além dos 'topográficos' e 'dinâmicos', estaremos, penso eu, fornecendo deles a mais completa descrição. [...] não nos interessa indagar até onde, com a hipótese do princípio de prazer, abordamos qualquer sistema filosófico específico, historicamente estabelecido. [...] decidimos relacionar o prazer e o desprazer à quantidade de excitação, presente na mente, mas que não se encontra de maneira alguma 'vinculada', e relacioná-los de tal modo, que o desprazer

corresponda a um aumento na quantidade de excitação, e o prazer, a uma diminuição (FREUD, 1920, p.17).

Freud não deixa de justificar esse caráter do texto, ao fazer referências a vários estudiosos, culminando com a 'fidus' de Schopenhauer (1851-1938):

Podemos atrever-nos a identificar nessas duas direções tomadas pelos processos vitais a atividade de nossos dois impulsos instintuais, os instintos de vida e os instintos de morte? Existe algo mais, de qualquer modo, a que não podemos permanecer cegos. Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o 'verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida', ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver (FREUD, 1920, p.69).

"O *ego e id*" (FREUD, 1923) foi um ensaio muito bem recepcionado pela comunidade psicanalítica. Aproveitando-se de um conceito (o *isso (Es)*) elaborado por Georg Grodeck (1866–1934), médico que Freud certa vez qualificou de um 'soberbo analista', Freud praticamente finaliza sua vasta reformulação teórica denominada de *segunda tópica* (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.755), em que se inserem as três instâncias hoje consagradas - o *isso(id)*, o *eu(ego)* e o *supereu (superego)*.

Em cartas endereçadas a Ferenczi (1873-1933) e a Otto Rank (1884-1939), dois dos seus mais íntimos colaboradores, Freud informa que dessa vez não se valerá de "nenhum empréstimo da biologia", e sim ficará bem próximo da Psicanálise. Iniciando por uma rememoração do caminho até então percorrido, problematizando certas necessidades conceituais que ainda estavam por ser explicitadas, esclarece como a *percepção* estaria ligada ao 'ego', como a *pulsão* ao "id", avançando ainda mais, com a descrição do caminho da gênese do 'superego' (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.213; KAUFMANN, 1996 p.178, 272, 510; BIRMAN, 2009). Tais avanços ocasionam, também, algumas questões, sobretudo sobre o papel do masoquismo e do sadismo em relação à dualidade pulsional, que Freud tentará discernir em outro artigo, *O problema econômico do masoquismo*, publicado em 1924.

Mesmo que afetado profundamente pela cirurgia a que fora submetido após a descoberta, em 1923, de um câncer na boca, Freud não esmoreceu do seu trabalho científico. Com a sensibilidade e brilhantismo de sempre, percebe que a Psicanálise teria de oferecer algumas referências à época histórica em que ele estava inserido.

Produz então dois extraordinários trabalhos em que a fusão com a antropologia é patente: *O futuro de uma ilusão* (FREUD, 1927) e *O mal estar da civilização* (FREUD, 1930). Além disso, mantém com Albert Einstein (1879-1955) um célebre debate – *Por que a guerra* (FREUD, 1933) sobre as vicissitudes do surgimento das guerras, onde faz alusão à pulsão parcial de destruição, além de reescrever com algumas inserções importantes as suas Conferências de 1917/19, agora com o título de *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise* (FREUD, 1933).

Além disso, retomando o que iniciara quando da elaboração de *Totem e tabu*, Freud (1913) volta ao tema da analogia entre a psicologia individual e a de grupo, aplicando-a à história de um povo, publicando um dos seus mais extraordinários e controvertidos trabalhos: *Moisés e o monoteísmo* (FREUD, 1939). As controvérsias e interpretações sobre tal livro se iniciam desde sua primeira edição até os dias de hoje, sempre com a unanimidade sobre a coragem intelectual e a enorme originalidade de Freud na abordagem do tema. Citarei aqui três artigos que ilustram tais polissemias ressaltando que todos demonstram a enorme importância da obra e seu caráter psicanalítico: *Moisés e o monoteísmo e a noção de “povo eleito”* (SENDER, 2011), *Conservadorismo religioso e “Moisés e o monoteísmo”, de Sigmund Freud - uma abordagem que ainda surpreende* (CERQUEIRA FILHO, 2008) e *Moisés e a verdade: retorno à questão da verdade histórica* (COUTO; ALBERTI, 2013).

Em março de 1937 a Gestapo invade a casa de Freud na Rua Berggasse, 19 (hoje, o museu Freud, em Viena) e leva detida Anna Freud, a filha preferida e herdeira profissional. Seu apartamento é revirado e saqueado, tendo-lhe sido roubados objetos de valor e de arte. O clima era de terror. Freud até então parecia resistir à ideia de sair da sua cidade, mas com a prisão de Anna, Freud iniciou as negociações que resultaram na sua ida para a Inglaterra. Chegando a Paris em 04 de junho de 1938, lá permaneceu por poucos dias e rumou para a Inglaterra, instalando-se numa bela casa, em Maresfield Garden, 20, Londres, hoje o "Freud Museum" (CAMPOS, 2011).

Em 21 de setembro de 1939 Freud "pegou a mão de Max Schur (1897-1969) e lembrou o primeiro encontro dos dois": "Você prometeu não me abandonar quando chegasse a hora. Agora é só uma tortura sem sentido".

Por três vezes, ele deu a Freud uma injeção de três centigramas de morfina. Em 23 de setembro, às três horas da manhã, depois de dois dias de coma, Freud morreu tranquilamente (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 279).

4 SOBRE A VIOLÊNCIA NA OBRA DE FREUD

O desenvolvimento da ciência vem trazendo questões candentes e cada vez mais inquietantes a respeito da violência. A humanidade dispõe de um crescente poder de destruição, a ponto de não se ter, hoje em dia, a menor dúvida sobre a possibilidade concreta de sua extinção. Se por um lado Nagasaki e Hiroshima são símbolos dessa possibilidade, veem-se, hoje, comparando os artefatos daquela época ao arsenal atômico de alguns países, eles podem ser comparados a brinquedos³ (MELLER, 2005).

Por outro lado, as condições de vivenciar – exercer e sofrer – atos violentos, sejam individuais ou coletivos, não se restringem mais ao fenômeno de guerras mundiais. Os conflitos econômicos, políticos ou religiosos se espalham de modo impressionante, de tal maneira que regiões conflagradas da atualidade, mesmo que ocorridas em escala geográfica bem menor do que as duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) são, via de regra, mais cruentas do que os conflitos mundiais referidos⁴ (MELLER, 2005).

Reduzindo essa proporção, é crível entender que o ser humano não é dotado de uma docilidade natural, como promulgado pelas religiões. É bom repetir o que já foi muitas vezes apontado, que o homem é o único primata que planeja a extinção de sua própria espécie. A violência está cada vez mais sendo objeto de estudos interdisciplinares com o objetivo de se criar medidas para sua contenção. Paradoxalmente, ela tem se apresentado com tal intensidade, seja física ou de outra forma, que se chega ao ponto de julgá-la banalizada (MELLER, 2005).

Desde seus primeiros escritos, Freud menciona a violência como componente importante nas suas elocuições. O Quadro 1, extraído da "Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud", em CD-ROM, lista os trabalhos onde a palavra violência é mencionada. Por 94 vezes, Freud usa a palavra violência, em 55 de seus trabalhos.

³ A esse respeito, ver MELLER, L. P. A violência em Freud. In: Pensando a violência com Freud. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2005. p. 25-30.

⁴ A esse respeito, ver MELLER, L. P. A violência em Freud, In: Pensando a violência com Freud. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2005. p. 25-30.

Quadro 1 - Violência nas obras de Sigmund Freud

VOLUME	ARTIGO/TRABALHO	PÁGINA
I	<i>Rascunho B – A etiologia das neuroses</i>	255
I	<i>Resenha de hipnotismo – August Forel</i>	143
II	<i>Caso 3. Miss Lucy R.....</i>	127
II	<i>CASO 5 – Srta. Elizabeth von R</i>	152
II	<i>CASO 2 – Srta. Emmy von N</i>	79
III	<i>A etiologia da histeria</i>	177
IV	<i>Estímulos sensoriais externos</i>	57
IV	<i>O material dos sonhos</i>	48
IV	<i>O sentido real dos sonhos</i>	93
V	<i>Representação por símbolos nos sonhos</i>	332
V	<i>Sonhos absurdos – atividade intelectual nos sonhos</i>	398
V	<i>Sobre os sonhos</i>	569
V	<i>O despertar pelos sonhos. As funções do sonho. Sonho de angústia</i>	522
VI	<i>Equívocos na ação</i>	148
VII	<i>Resumo</i>	217
VIII	<i>A técnica dos chistes</i>	29
VIII	<i>Os chistes e as espécies do cômico</i>	207
IX	<i>Sobre as teorias sexuais das crianças.</i>	211
X	<i>Caso clínico e análise</i>	33
X	<i>Discussão</i>	10
X	<i>A vida instintual dos neuróticos obsessivos e as origens da compulsão e da dúvida</i>	238
X	<i>Iniciação na natureza do tratamento</i>	177
X	<i>Introdução</i>	15
X	<i>O complexo paterno e a solução da ideia do rato</i>	202
XI	<i>Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância</i>	53
XII	<i>Tentativas de interpretação</i>	53
XIII	<i>O retorno do totemismo na infância</i>	125
XIII	<i>O Moisés de Michelangelo</i>	249
XIV	<i>A desilusão da guerra</i>	311
XIV	<i>O instinto e suas vicissitudes</i>	129
XV	<i>Conferência V. Dificuldades e abrangência iniciais</i>	105
XVI	<i>A vida sexual dos seres humanos</i>	355
XVII	<i>Introdução A: A psicanálise e as neuroses de guerra</i>	257
XVII	<i>Linhas de progressos na terapia psicanalítica</i>	199
XVII	<i>Material novo oriundo do pensamento psicanalítico</i>	113
XVII	<i>O sonho e a cena primária</i>	45
XVII	<i>Vitor Tausk</i>	339
XVIII	<i>Além do princípio do prazer</i>	17
XVIII	<i>A descrição de Le Bom da mente grupal</i>	95
XVIII	<i>Sugestão e libido</i>	113

Continua

Quadro 1 - conclusão

VOLUME	ARTIGO/TRABALHO	PÁGINA
XVIII	<i>Pós escrito</i>	169
XVIII	<i>Dois grupos artificiais: a igreja e o exército</i>	119
XVIII	<i>O grupo e a horda primeva</i>	155
XIX	<i>As relações dependentes do ego</i>	64
XX	<i>Inibições, sintomas e ansiedade</i>	107
XXI	<i>O mal estar da civilização</i>	81
XXI	<i>O futuro de uma ilusão</i>	15
XXII	<i>Carta de Freud</i>	245
XXII	<i>Conferência XXXIII. Feminilidade</i>	139
XXIII	<i>Um comentário sobre o antisemitismo (SIC)</i>	323
XXIII	<i>Moisés e o monoteísmo – Parte I</i>	71
XXIII	<i>Moisés e o monoteísmo - aplicação</i>	99
XXIII	<i>Construções em análise</i>	289
XXIII	<i>O avanço em intelectualidade</i>	133

O que se nota é uma torção do sentido do termo à medida que sua obra se aproxima do século XX. Ela vai atravessar do individual estrito para o coletivo, vale dizer, Freud se aproxima da necessidade interdisciplinar, socorrendo-se da antropologia, da sociologia e até de pequenas incursões na filosofia social. Em outra oportunidade seria interessante analisar cada trabalho, verificar como e porque se fez tal rotação de sentido. Hoje, entretanto, de acordo com meu objetivo, num corte necessário, tal análise se restringirá àqueles trabalhos que me permitirão produzir algumas observações sobre a violência na obra de Freud.

4.1 A questão da agressividade

Sempre que se fala em agressividade em Psicanálise lembra-se do texto de Freud escrito em 1929/30, *O mal estar da civilização*. Nele, Freud defende que a agressividade inata do homem é o ponto central de ameaça à vida em sociedade. Entretanto, a agressividade foi sempre uma questão problemática com a qual Freud sempre se confrontou.

Em 1908, numa das "sessões de quarta-feira", um grupo pioneiro que se reuniu em torno de Freud, um dos seus membros, Alfred Adler (1870-1937) apresentou um trabalho onde aventava a existência de uma *pulsão de agressão*. Escrevia ele, então:

[...] toda pulsão tem origem na atividade de um órgão. Os órgãos inferiores se distinguem por uma pulsão particularmente forte. Os órgãos inferiores desempenham um papel importante na gênese das neuroses. O sadismo se baseia no 'cruzamento' da pulsão de agressão com a pulsão sexual. A pulsão de agressão – como todas as outras pulsões – pode ter acesso à consciência, sob forma pura ou sublimada, pode também ser revertida em seu contrário em decorrência do efeito inibidor de uma outra pulsão, ou ainda se voltar contra o sujeito, ou ser deslocada para outro fim (KAUFMANN, 1996, p.18).

Apesar de Freud ter concordado com algumas das premissas inclusas no trabalho de Adler, comparando-a com o 'que chamamos de libido', ele a criticou enfaticamente, a ponto de daí a algum tempo, Adler ter se desligado do grupo freudiano. No ano seguinte, na *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, caso conhecido como *O pequeno Hans* (FREUD, 1909), Freud acaba por voltar ao tema da discussão com Adler. Em razão de encontrarmos, nesse artigo, uma das primeiras posições explícitas a respeito dos impulsos agressivos, julgo importante inserir a citação longa que se segue:

Não posso convencer-me a aceitar a existência de um instinto agressivo especial ao lado dos instintos familiares de autopreservação e de sexo, e de qualidade igual à destas⁵. Parece-me que Adler promoveu erradamente a um instinto e auto-subsistente (sic) o que é, na realidade, um atributo indispensável de todos os instintos – seu caráter instintual (*triebhaft*) e 'premente', o que poderia ser descrito como sua *capacidade para iniciar movimento*. Nada restaria, então, dos outros instintos, a não ser um objetivo, pois sua relação com os meios de alcançar esse objetivo teria sido retirada deles pelo 'instinto agressivo". Apesar de toda a incerteza e obscuridade de nossa teoria dos instintos, eu preferiria, no momento, aderir ao ponto de vista usual, que deixa cada instinto o seu próprio poder de ser agressivo; e estaria inclinado a reconhecer os dois instintos que se tornaram reprimidos em Hans como componentes familiares da libido sexual (FREUD, 1909, p.145-146).

Ao se recusar a aceitar a existência de uma pulsão agressiva independente e autônoma, Freud, entretanto, admite uma 'capacidade para iniciar movimento' como 'atributo universal e indispensável de todas as pulsões' (p. 145), demonstrando com clareza como o conceito de *pulsão* torna-se indispensável à concepção de agressividade em sua obra.

⁵ (Nota de rodapé acrescentada em 1923). "A passagem acima foi escrita numa época em que Adler parecia ainda estar tomando terreno da psicanálise antes de ele colocar em evidência o protesto masculino e rejeitar a repressão. Desde então eu mesmo fui obrigado a afirmar a existência de um 'instinto agressivo', mas é diferente do de Adler. Prefiro chama-lo 'instinto destrutivo' ou 'instinto da morte'" (FREUD, 1909, p. 145-6 (grifos nossos)

Para Birman (2009b):

A problemática da agressividade se anunciou desde os primórdios do discurso freudiano. Assim, na "Psicoterapia da histeria", de 1895, essa problemática já se anunciara pelo viés da questão da resistência, no registro estritamente clínico. Nas experiências analíticas de Dora (1905) e do Pequeno Hans (1909), porém, a agressividade foi inscrita no registro do sintoma, sendo então responsável pela produção e pela reprodução desse. [...] a problemática da agressividade não tinha ainda uma elaboração teórica autônoma, no contexto do discurso freudiano [...] ela pendia ora para o polo da pulsão sexual, ora para a pulsão do eu, principalmente para este último (BIRMAN, 2009b, p. 47).

Segundo Beatriz de Souza Lima, em sua tese de doutorado, *Do amor em tempos de cólera: agressividade, subjetividade e cultura*,

Podemos identificar três momentos na história da teoria freudiana da agressividade: o período que antecede ao aparecimento do conceito de pulsão em 1905; o período marcado pela elaboração da primeira teoria pulsional, 1905-1920 e o período posterior à segunda teoria pulsional em 1920 (LIMA, 2007, p.31).

O primeiro momento seria quando Freud toma como objeto suas experiências clínicas com comportamentos e sentimentos hostis e agressivos, tendo como referência o capítulo VII da sua obra *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900b). Em seus primeiros casos, Freud se deparou, na sua clínica, com tais sentimentos, na etiologia, por exemplo, da neurose obsessiva (FREUD, 1896, p.159; FREUD, 1908, p.121; KAUFMANN, 1996, p.358-366; ROUDINESCO; PLON, 1998, p.538-540) e da paranoia (MASSON, 1986, p.165).

A experiência clínica da agressividade propiciou a Freud a reflexão sobre ideias, como por exemplo, quando trabalha os conceitos de *transferência* (FREUD, 1913; ROUDINESCO; PLON, 1998), que todas as escolas psicanalíticas acreditam ser essencial na Psicanálise, além de *ambivalência* (FREUD, 1913; KAUFMANN, 1996). Embora Freud tenha escrito explicitamente sobre transferência em 1912, ele já tinha experiência do fenômeno, sobretudo no *Caso Dora* (FREUD, 1905a) além de contar com os trabalhos de seu amigo Sandor Ferenczi (1873-1933), que defendia a transferência se fazer em todas as relações humanas, observando que na análise, o cliente colocava o analista praticamente numa posição parental.

Um segundo momento se dá com a publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, (1905b), onde Freud expõe o conceito de pulsão, ainda vacilante e aparentemente contraditório. A obra é seguramente uma das maiores contribuições de Freud para o conhecimento humano. Quando se lê a publicação será difícil avaliar, num período de vinte anos, quantas modificações e acréscimos foram feitos por Freud nas várias edições, embora sua essência estivesse presente já na primeira edição, ou seja:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma 'pulsão sexual'. Seguem-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra 'fome'; a ciência vale-se, para isso, de "libido" (FREUD, 1905b, p.127).

Como se observa, o termo é fortemente delineado pela genética, com Freud admitindo a crueldade infantil como uma componente da pulsão de dominação. Além disso, lançando a fundação de sua primeira teoria pulsional encontra-se ali, ainda, uma pulsão de origem não sexual. A explícita preocupação de Freud com a agressividade e a violência já se manifestara ali, com as noções de sadismo e masoquismo que mais tarde ele vai elaborar, além do narcisismo. Diria ele na época:

O sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual. [...] Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana [...] A particularidade mais notável dessa perversão reside, porém em que suas formas ativa e passiva costumam encontra-se juntas numa mesma pessoa. [...] O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ser desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante (FREUD, 1905, p.149-150).

Nesse mesmo ensaio Freud reconhece a origem independente dos impulsos agressivos, apesar de continuar não reconhecendo a 'pulsão de agressão' autônoma, com quem Adler, em 1908. Mesmo quando inscreve a autoconservação no registro do eu em 1914, com *As perturbações psicogênicas da visão numa perspectiva analítica*, a agressividade continuava oscilante tal como escreveu na citação anterior, vale dizer, Freud continuava com os problemas advindos da clínica sem que pudesse tratar a agressividade de maneira autônoma, portanto, "[...] apenas pela reversão masoquista da pulsão, com a incorporação da

força pulsional, que se daria apenas em um segundo tempo do movimento da pulsão, é que o dano causado ao objeto poderia ser efetivamente reconhecido pelo sujeito" (BIRMAN, 2009b, p.47).

Ainda no segundo momento dessa caminhada Freud produz, num mesmo ano, cinco ensaios que, juntos, formam o que se denomina *Metapsicologia* (FREUD, 1915c). Por coincidência, todos esses ensaios foram escritos em plena primeira guerra mundial (1914-1918), que até então era considerada a mais violenta de todos os tempos. Num outro ensaio, também de 1915, Freud escreveu *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Sem dúvida estavam ali as coordenadas sobre a violência fruto da agressividade, para Freud, inata, e suas posições que considero de viés histórico, quando faz considerações filogenéticas como a herança do bem ou do mal guardada em nosso inconsciente:

A pesquisa psicológica – ou, falando mais rigorosamente, psicanalítica – revela, ao contrário, que a essência mais profunda da natureza humana consiste em impulsos instintuais de natureza elementar, semelhantes em todos os homens e que visam à satisfação de certas necessidades primeiras. Em si mesmos, esses impulsos não são nem bons nem maus. Classificamos esses impulsos, bem como suas expressões, dessa maneira, segundo sua relação com as *necessidades e exigências* da comunidade humana (FREUD, 1915c).

Em seu primeiro contato com uma situação concreta de guerra, fato violento por excelência, Freud expõe duas decepções: a primeira, com a pouca moralidade do Estado, que mesmo assim, se apresenta como pregoeiro de valores morais. É levado a pensar que em tempos de paz, o Estado não impede a violência para aboli-la e sim para monopolizá-la a seu serviço. Em tempos guerra ele, Estado, se retira dos tratados e convenções pedindo a seus cidadãos apoio em nome do patriotismo. Aquela *crueledade*, associada à sexualidade infantil, no *Três ensaios*, em tempos de guerra, torna-se inseparável da violência do Estado, de seu poder soberano, autorizando os indivíduos a cometerem os piores atos de crueldade, em nome do patriotismo.

A segunda decepção é que, quando a comunidade não faz mais objeção a tal conduta do Estado, os indivíduos passam a cometer atos de crueldade, 'e de perfídia', próximos da barbárie, incompatíveis com o grau de civilização que

'consideraríamos impossível'. Freud, um contemporâneo "avant la lettre", é consciente de que: "A guerra, porém, não pode ser abolida; enquanto as condições de existência entre as nações continuarem tão diferentes e sua repulsa mútua tão violenta, sempre haverá guerra" (FREUD, 1915c, p.338).

Acrescento, com ele, enquanto os valores individuais forem tão diferentes, os ódios se nutrem na equivalência evidenciada entre 'o estrangeiro' e o 'inimigo hostil', as guerras se multiplicarão, como vêm se multiplicando, no mundo contemporâneo (FREUD, 1915c).

Como que antecipando o que escreveria sobre a psicologia coletiva, ou sobre psicologia das massas, em 1921, Freud observa que assim que algumas pessoas estão reunidas, e pior ainda, quando se trata de milhões de homens, como numa guerra, aquilo que se adquire moralmente se esvai para dar lugar aos comportamentos psíquicos mais primitivos e mais grosseiros.

Não podemos olvidar que antes, em 1908, Freud havia escrito um ensaio, *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* (FREUD, 1908, p.187) no qual reafirma e expande sua posição de antagonismo entre a civilização e a vida institucional (pulsional), em grande parte um sumário do que havia posto a descoberto antes, no seu *Três ensaios* – "[...] a relação inversa que existe entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade" (FREUD, 1905b, p.228). Entretanto, sobressaem nele aspectos sociológicos importantes, que Freud vai usar frequentemente em seus ensaios posteriores.

Para Santos e Ceccarelli (2010, p.26), em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*,

Freud nos apresenta um confronto entre a "moral natural" e a "moral sexual civilizada". Por "moral sexual natural" devemos compreender um conjunto de normas que, embora limitem a sexualidade, o desejo e o prazer, permitem, todavia, ao homem conservar sua saúde e sua eficiência na vida social. Já por "moral sexual civilizada", devemos entender uma moral, extremamente exigente e que, de maneira tirânica, obriga os homens à privação sexual tendo em vista integrá-lo ao sistema de uma intensa produtividade cultural. [...] Para Freud (1908/1976), entretanto, esta moralidade, elevada ao grau de uma tirania, exige imensos sacrifícios aos homens e o excesso de moralismo colocaria em risco a própria civilização (Grifos do autor).

Em concordância com Michel Foucault (1926-1984), Santos e Ceccarelli afirmam que:

[...] 'o discurso sobre regulamentação do sexo sempre foi assunto do Estado, das elites dominantes e da religião. [...] A moral sexual é um fato da cultura. Não existe sociedade que não tenha regras a respeito do uso da libido. O controle em relação aos 'prazeres da carne' sempre foi, em intensidades diferentes e em momentos sócio históricos variáveis, um elemento constitutivo do humano (SANTOS, CECCARELLI, 2010, p.23, grifos do autor).

Santos e Ceccarelli relembra e afirmam que no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* Freud postula que a sexualidade humana age a serviço próprio, não possuindo objeto fixo, sendo seu objetivo o prazer e não a procriação, o que lhe retira os seus destinos da biologia. Trata-se, sim, de uma "construção mítica – o mito individual do neurótico – que permite ao sujeito re-significar a sua história" (SANTOS; CECCARELLI, 2010, p. 23-24).

Tratando-se de um trabalho em que discorrem principalmente sobre a relação da sexualidade com a religião, Santos e Ceccarelli enfatizam que todas as religiões propõem um regime sexual, cabendo aos seus sacerdotes, 'inspirados pela vontade dos deuses', ditar a moral sexual. No que denomina de sociedades científicas e tecnocráticas, seriam os "sábios – médicos, psicanalistas, psicólogos, pedagogos..." – é que se ocuparão da regulação da sexualidade (SANTOS; CECCARELLI, 2010, p.23).

O conflito entre a 'moral sexual natural' e a "moral sexual civilizada" se manifestaria de tal maneira que, criando uma moral dupla, uma 'óbvia injustiça social', como diferenciar homens e mulheres, 'uma vez que transgressões masculinas são punidas menos severamente'. A essa moral, Freud atribui o aumento da doença nervosa moderna: as neuroses originar-se-iam de necessidades sexuais de indivíduos insatisfeitos representando para os mesmos uma espécie de satisfação substitutiva" (SANTOS; CECCARELLI, 2010, p.27).

No término da exploração do trabalho de Santos e Ceccarelli, os autores se manifestam:

[...] aceitar os postulados freudianos equivaleria a rever as bases morais da cultura ocidental que sustentam, justamente, o oposto. O modo como os indivíduos de uma dada sociedade experimentam sua sexualidade só pode ser devidamente avaliado a partir da repressão (*Unterdrückung*) sexual ditada pelo sistema de valores – que é sempre apresentado como natural e imutável – da sociedade em questão (SANTOS; CECCARELLI, 2010, p.29).

Di Matteo (2007), percorrendo outro caminho discursivo, mas enfatizando a mesma importância oferecida ao texto por Santos e Ceccarelli (2010), destaca o fato de que Freud, apesar da sua habitual aversão à Filosofia e para com os filósofos, abre e fecha seu artigo com comentários de um professor de Filosofia, Christian von Ehrenfels (1856-1932).

Di Matteo destaca, ainda, que o ensaio deve ser lido no contexto do iluminismo, como um 'filho e consciência crítica da modernidade'. Tratar-se-ia de um discurso-denúncia porque a ciência e a razão seriam libertadoras. Como Freud se desdobrava para inserir a psicanálise no rol da ciência, o neurótico poderia ser libertado do seu sofrimento e a cultura de sua irracionalidade. Além disso, descontrói criticamente:

[a] repressão excessiva exercida pela cultura sobre a sexualidade humana, ao mesmo tempo em que revela o duplo descentramento e assujeitamento de cada ser humano ao "outro" do mundo pulsional por uma sexualidade polimorfa que o domina e do mundo cultural com suas exigências, ideais e interdições. [...] O texto, porém, se encerra um pouco abruptamente, não reconhecendo ao médico a atribuição de propor reformas. (DI MATTEO, 2007, p.196-197).

Ao colocar em questão, por exemplo, o matrimônio monogâmico, Freud (1908) ousou retirar a sexualidade do ambiente do privado para torná-la, também, um problema da cultura afastando-a de um registro moral de obediência dos usos e costumes, sugerindo uma nova ética sexual que respeita as vicissitudes da pulsão sexual tanto na *pequena* história de cada indivíduo quanto e nos impedimentos na *grande* história da cultura. Poder-se-ia supor que Freud (1908), no conflito entre a norma e o desejo, estaria advogando em defesa do homem sofredor contra a 'óbvia injustiça' da cultura, que reprime e exige de todos uma conduta sexual idêntica. As neuroses denunciariam o fracasso da nossa cultura.

Vale dizer, como Birman (2000), que Freud, até então, acreditava na *harmonia* entre os registros do sujeito e do social, posição colocada peremptoriamente em questão mais tarde, à medida que sua leitura se dirige para a inserção do sujeito

no novo espaço social da modernidade tardia, onde o *desamparo* acarretado agora pela desarmonia nos laços sociais torna-se central no seu discurso (BIRMAN, 2000, p.123-124). Mais tarde tais arquivos serão retomados em nosso trabalho.

Apesar desses avanços e diante da revolução sexual (sic) que aconteceram no século XX, propiciados, inclusive pelas mudanças sobre a sexualidade na teoria psicanalítica, ou da sua incursão na área da cultura, advindo disso tudo novos modos e formas de subjetivação, não se poderá abandonar tal texto (FREUD, 1908) a 'uma mera curiosidade histórica'. Além da proposta ética citada, revolucionária, haveria uma atualidade de conteúdo, com a transferência hoje, da questão transposta daquele sistema sexual normativo para o determinismo da sociedade de mercado (ROUANET, 2003, p.135-164 *apud* DI MATTEO, 2007, p.199).

Embora o ensaio de FREUD (1908) não aponte alternativas, não reconhecendo nem o médico como reformador desses dilemas e apenas defenda a necessidade de reformas, ao considerar a 'moral sexual civilizada' a responsável pelo aumento da 'doença nervosa moderna', Di Matteo, pondera que, mesmo não havendo qualquer "visão heroica, prometeica, revolucionária dessa nova ciência, Freud, aponta, sim, reforma ao ligar uma lembrança na qual ele mesmo, num outro ensaio, *O chiste e sua relação com o inconsciente* escrito (FREUD, 1905c, p. 131), havia caracterizado um gesto do mesmo professor Von Ehrenfels, como de 'amor à verdade' (DI MATTEO, 2007, p.197).

Freud assevera:

Se uma sociedade paga pela obediência a suas normas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios; e nem ao menos pode falar em lucro. O que ela conseguirá com a frustração excessiva da sexualidade de seus membros é despertar as forças hostis à civilização (FREUD, 1908, p.207).

Prosseguindo com as tratativas do *Três ensaios* (FREUD, 1905b), nessa primeira teoria pulsional, aborda, no primeiro ensaio (p.127), os impulsos agressivos em termos do sadismo, apresentado como uma 'pulsão componente' ou 'parcial da pulsão sexual': "[...] o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar

preponderante" (FREUD, 1905b, p.148 *apud* LIMA, 2007, p.32), recuperando já no segundo ensaio (p.162) a noção da origem independente dos impulsos agressivos:

Com a independência ainda maior das outras atividades sexuais vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de crueldade da pulsão sexual. A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento tardio. [...] podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. Assim, ela domina uma fase da vida sexual que mais adiante descreveremos como organização pré-genital⁶ (FREUD, 1905b, p.180).

Como é sabido, o termo pulsão (*Trieb*) aparece publicado pela primeira vez nesse ensaio de 1905, acima citado, ainda que com forte conotação genética. A crueldade infantil é concebida como componente da pulsão de dominação, portanto, Freud invoca a existência de uma pulsão cuja origem não fosse sexual: a pulsão de dominação. Mesmo assim, entretanto, ele não cede a respeito de existir uma pulsão específica de agressividade, a exemplo de como vai criticar Adler, em 1909.

Ao produzir e publicar *A pulsão e seus destinos (Os instintos e suas vicissitudes)* (FREUD, 1915a), Freud, juntamente com outros ensaios – "O recalque", "O inconsciente", "Suplemento metapsicológico à teoria do sonho" e "Luto e melancolia", ao qual chamou de "Artigos sobre metapsicologia" (FREUD, 1915a), no mesmo ano, toma como objetivo a formulação da sua *Metapsicologia* (FREUD, 1915a), além do manuscrito descoberto em 1983 e publicado em 1985 junto a uma carta endereçada a Ferenczi, considerado como o último texto metapsicológico de Freud⁷. Ele pretendia "clarificar e aprofundar as hipóteses teóricas sobre as quais um sistema psicanalítico poderia estar fundado". Segundo Birman (2009), além desse supramencionado, pode-se listar os seguintes ensaios ou livros para marcar a especificidade teórica da grande obra de Freud:

- Estudos sobre a histeria (1895)
- A Interpretação dos sonhos (1900)
- Psicopatologia da vida cotidiana (1901)
- O chiste nas suas relações com o inconsciente (1905)
- Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)

⁶ As duas últimas frases receberam essa forma em 1915, segundo nota do editor.

⁷ "Visão de conjunto das neuroses de transferência", publicado em 1983. (*apud* Birman, 2009, p. 23)

Totem e tabu (1913)
 Introdução ao narcisismo (1914)
 Além do princípio do prazer (1920)
 O eu e o isso (1923)
 Inibição, sintoma e angústia (1926)
 Mal estar na civilização (1930)
 Análise com fim e análise sem fim (1937)
 Moisés e o monoteísmo (1938)

A palavra *metapsicologia*, um neologismo que não existia até então, permitiu a Freud realizar outra leitura da psicologia (FREUD, 1915a; KAUFMANN, 1996; ROUDINESCO; PLON, 1998). Ao forjar a palavra, Freud indicava que estaria criando um novo campo teórico, dando ao psiquismo uma leitura que lhe garantisse a ideia, a princípio, de um *aparelho de linguagem* (FREUD, 1940[1938]), posteriormente de um *aparelho psíquico* que, a partir dali, estaria já em pauta.

Como já citado na p.24 deste trabalho, Freud enuncia:

Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído de diversas partes – ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero. Não obstante algumas tentativas anteriores no mesmo sentido, a elaboração sistemática de uma concepção como esta constitui uma novidade científica (FREUD, 1940[1938], p.169).

Tendo em vista o objetivo do meu trabalho e por ser a pulsão, seguramente, o conceito mais abrangente de Freud, com efeitos praticamente em toda sua obra a partir dele, vou tecer alguns comentários a seu respeito, dando continuidade ao tema da agressividade.

Desde seus trabalhos pré-psicanalíticos, Freud desenvolveu a ideia de uma libido psíquica, forma de energia que situou na origem da atividade humana. Acreditava que haveria diferença entre esse impulso, irrefreável pelo indivíduo, e as excitações externas, das quais o sujeito podia fugir ou se esquivar (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.628). Já em *A sexualidade na etiologia das neuroses*, (1898), Freud admitia a existência de uma sexualidade infantil, esclarecendo que ela só se desenvolveria em períodos posteriores de maturação. Em seguida, constatou que a sexualidade

nem sempre aparecia explicitamente nos sonhos ou em fantasias, despontando muitas vezes sob disfarces necessários, que era preciso decifrar. Em um dos inúmeros acréscimos efetuados no seu ensaio *Três ensaios* (1905b), já em 1910, Freud escreveria uma definição geral que, em sua essência, foi mantida:

Por pulsão, podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do "estímulo" que é produzido por excitações isoladas, vindas de fora. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico (FREUD, 1905a, p.157).

Como ensina Birman (2009) sobre o conceito de pulsão:

Assim, se os registros do somático e do psíquico seriam (sic) dois conjuntos, bem delimitados e circunscritos, pode-se dizer que o campo da pulsão se anuncia e se enuncia como um conjunto *intercessão*, inscrito entre os campos daqueles. O campo constitutivo da pulsão não seria então nem psíquico nem somático, mas inscrito *como* um limite e *no* limite entre esses, posicionado como um conjunto intercessão. [...] isso sugere a existência de uma *porosidade* no campo delineado pela pulsão (BIRMAN, 2009a, p.95-96).

Para chegar à sua concepção final e consagrada, somente em 1920, com a publicação de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), Freud passa a opor a *pulsão de vida* (*Eros*) à *pulsão de morte* (*Tânatos*). Nesse contexto, as pulsões sexuais, as pulsões do eu e as pulsões de autoconservação estariam todas dentro da *pulsão de vida*, em oposição à única *pulsão de morte*, mantendo-se a fundamentação na conflitualidade do psiquismo do qual Freud não poderia abrir mão, para que se mantivesse a consistência teórica de uma divisão (*Spaltung*), até então defendida por ele, quando mencionou a diferença entre as neuroses de transferência e as psiconeuroses narcísicas⁸.

O próprio Freud reconhece o caráter especulativo da noção de pulsão de morte, ao ressaltar que nenhuma experiência nos permite apreender sua ação em estado puro [...] e também que seu alcance operatório se revela claramente quando ela se encontra fusionada à pulsão de vida, especialmente sob a forma da pulsão de agressão. Assim, a pulsão de morte contribui para justificar uma noção proposta por Adler (*como já exposto em outra parte*) e, por muito tempo recusada por Freud. [...] duas tendências estão em oposição no interior da agressão: tendência a se apropriar do objeto, pertencente à pulsão de vida, pois ela visa antes de mais nada unir-se a ele, e tendência a destruí-lo, que provém da pulsão de morte (KAUFMANN, 1996, p.440).

⁸ A esse respeito e para uma completa visão do conceito de *pulsão*, consultar *As pulsões e seus destinos – do corporal ao psíquico – de Joel Birman, obra citada nas Referências*.

Por exceder, em muito, os limites dessa dissertação, não aprofundaremos os caminhos, de alta complexidade, desenvolvidos por Freud no ensaio supracitado de 1915a. Servindo ao nosso propósito, apenas vou esquematizar o que julgo importante nele para a elaboração de uma cartografia ligada à destruição ou violência, objetivo principal do meu trabalho. Da mesma maneira, farei com o conceito do *Complexo de Édipo*.

Freud demonstra que o conceito de pulsão é necessário não apenas para uma terapêutica, mas também, e principalmente, para afirmar que a pulsão é condição primeira do psiquismo: "Um conceito básico convencional dessa espécie ainda é algo obscuro, mas nos é indispensável na psicologia" (FREUD, 1915a, p.136-137).

Freud acrescenta um novo elemento, de *força, pressão (Drang)* que descreve como 'a própria essência da pulsão' ou "seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todas as pulsões; é, de fato, sua própria essência" (FREUD, 1915a, p.142).

Freud defende uma gênese própria para o ódio, ao expor que "a aparente transformação do amor em ódio é apenas uma ilusão" [...] os verdadeiros protótipos da relação de ódio não provém da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se (FREUD, 1915a, p.160), associando impulsos agressivos às pulsões de autoconservação, as quais teriam a função de manter e afirmar a existência individual.

Freud retoma a temática da destruição, ambígua com a de dominação, existentes nas pulsões de autoconservação, que teria a função de assegurar seu domínio sobre o objeto. Laplanche e Pontalis (1992) sugerem que tais temáticas apenas estabelecem um campo intermediário entre a simples *atividade* existente em toda uma função de uma tendência de destruição pela destruição. Não se pode, entretanto, esquecer a celeuma com Adler sobre a autonomia de uma pulsão de destruição.

Freud, investigando o desenvolvimento pulsional, acaba por realizar uma genealogia do amor e do ódio. Num intrincamento com o que observara em 1914 em seu artigo *Sobre o narcisismo, uma introdução* (FREUD, 1914), que lhe amplia as questões relativas ao desenvolvimento do ego, ao mesmo tempo tal hipótese amplia sua resistência em admitir a existência de uma pulsão agressiva independente da libido: "os impulsos de agressividade, e de ódio também, desde o início, pareceram pertencer à pulsão de auto conservação, e, visto que esta se achava agora incluída na libido, não se exigia qualquer pulsão agressiva independente" (STRACHEY, nota do editor inglês, in FREUD, 1930, p.79).

A partir daí, narcisismo e autoerotismo passam a ser conceitos chaves nas elaborações de Freud. Ao nos defrontarmos com as motivações egocêntricas e narcisistas do comportamento humano, a hostilidade estaria nas relações do sujeito com qualquer instância alteritária, do mesmo modo que as pulsões de auto conservação produzem transformações no mundo externo, que enriquecem a experiência de si mesmo. Se o sujeito, entretanto, já experimentou as 'dádivas' do narcisismo primário, ele vai se esforçar em preservar sua manutenção. Vale dizer, ele tenderá a abolir as diferenças em direção ao um amor narcísico.

O desenvolvimento da temática da agressividade e dos sentimentos hostis em Freud torna-se extremamente complexo ao traduzir um duplo formato, sempre tensionado, entre o interno e o externo, entre a consideração de **si mesmo e com o mundo**. O jogo sadismo X masoquismo, com a circunstância de primazia do primeiro como originário ao lado do ódio, que "enquanto com o objeto, é mais antigo do que amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. [...] A história das origens e relações do amor nos permite compreender como é que amor com tanta frequência se manifesta como 'ambivalente' – isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto" (FREUD, 1914, p.161).

Essa contradição entre a coexistência de convivência no mesmo campo pulsional, da tendência à ligação (pulsão de vida (?)) e à separação (pulsão de morte (?)), vai introduzir no pensamento freudiano o conceito de 'fusão pulsional'. Em

consequência, haveria a necessidade de uma "desfusão" na qual, mesmo que uma predomine sobre a outra, sempre se apresentarão juntas. Mas,

[...] nesse caso, o predomínio é da pulsão de morte, que consegue liberar-se do jugo de Eros para realizar sua finalidade específica. A agressividade dirigida ao exterior – o que se chama comumente de ódio – tem sua gênese nesse duplo movimento de fusão e defusão (sic) o que impede de considerá-la irreduzível. Isso explica porque Freud *não deduziu pulsão de morte da agressividade e sim da repetição* (MEZAN, 1998, p.264, grifo nosso).

Nessa condição, o sadismo consiste no exercício da violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto " e tanto participa da forma mais primitiva do amor [como também] [...] na fase mais elevada [...], sob a forma de uma ânsia (urge) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente" (FREUD, 1914, p.160).

Uma boa maneira de iniciar o trajeto esquemático sobre o conceito de *Complexo de Édipo*, é defini-lo como conceito, contando com a ajuda do consagrado verbete de Laplanche e Pontalis (1992):

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édip-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.77).

Freud, curiosamente, nunca dedicou uma exposição sistemática ao Édipo. O complexo de Édipo, além do 'complexo nuclear' das neuroses, também é decisivo no processo da produção da sexualidade. É através dele que o sujeito vai se organizar e se estruturar num vir-a-ser, diante da angústia da castração: o menino não nasce homem, a determinação biológica não é suficiente para traçar os destinos dos

sujeitos, conforme podemos constatar em Freud (1925/26) e Roudinesco e Plon, (1998, p.105).

Freud (1914), a partir da reflexão antropológica de *Totem e tabu*, vai inserir a presença de um 'outro', na relação, projetando-o no campo cultural, mas ainda como um recurso mítico, não como um encontro intersubjetivo. De toda maneira, no texto ele aproxima neurose, povos primitivos e infância, tendo como ponto de contato o horror ao incesto.

Com *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921), o conceito *identificação*, "a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa" (p.115) aparece na trama edípica, ao lado do investimento libidinal. Um pouco mais tarde, com *O ego e o id* (FREUD, 1923) a discussão se apresenta de forma mais ordenada. Freud associa o grande valor atribuído pela psicanálise às identificações da primeira infância no processo estruturante da personalidade individual. Vale dizer, o ego conteria em si a história das suas escolhas objetais, engrandecendo o Complexo de Édipo em sua forma completa. O saldo dessa complexa trama de identificações com o pai ou com a mãe é o *superego*, um processo identificatório com a lei, cujo representante é o pai.

Sem me aprofundar, como já observado, em questões que excedam o objetivo do meu trabalho, prosseguirei agora, para finalizar a esquematização já mencionada na p.48. Tratarei de situar algumas observações sobre o conceito do *superego*. Interessa-me o *superego* apresentado como uma relação estrutural (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p.499), como indicado:

Queremos transformar o ego, o nosso próprio ego, em tema de investigação. Mas isto é possível? Afinal, o ego é, em sua própria essência, sujeito; como pode ser transformado em objeto? Bem, não há dúvida de que pode sê-lo. O ego pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Nisto, uma parte do ego se coloca contra a parte restante. Assim, o ego pode ser dividido; divide-se durante numerosas funções suas — pelo menos temporariamente. Depois, suas partes podem juntar-se novamente. [...] Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atiramos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. [...] Dificilmente existe em nós alguma outra coisa que tão regularmente

separamos de nosso ego e a que facilmente nos opomos como justamente nossa consciência. [...] a consciência é uma de suas funções, e que a auto-observação, que é um preliminar essencial da atividade de julgar da consciência, é mais uma de tais funções. E desde que, reconhecendo que algo tem existência separada, lhe damos um nome que lhe seja seu, de ora em diante descreverei essa instância existente no ego como o 'superego'. [...] a instalação do superego pode ser classificada como exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental (FREUD, 1933b, p.76-83).

Essa longa citação deve-se ao fato de que o conceito, agora organizado, é fruto de uma incessante reflexão de Freud durante cerca de 30 anos, iniciada em 1914, no artigo *Sobre o narcisismo, uma introdução*, quando constituiu a noção de ideal do eu, como substituto do narcisismo infantil, passando pelo *Mal estar da civilização* (FREUD, 1930), no qual é apresentado como um censor introduzido pelas instâncias sociais.

Há de se notar as imbricações entre os conceitos do *Complexo de Édipo*, do *Superego* e o da *Identificação* (FREUD, 1921; ROUDINESCO; PLON, 1998; KAUFMANN, 1996), sobre o qual tratarei ao discutir e pensar a violência com Freud.

5 PENSANDO E DISCUTINDO A VIOLÊNCIA COM FREUD

Meu principal objetivo quando escolhi produzir uma pequena relação – em que cruzei datas com ensaios, artigos e livros de Freud no decorrer da sua vida (ver item 3) - foi reforçar a relação histórico-cronológica entre a criação de seus conceitos, ideias e a magistral coerência de suas dúvidas e reformulações teóricas, além das suas práticas clínicas. Sua obsessão em criar uma ciência que pudesse ir além da psicologia e da medicina da sua época esteve sempre discutindo com a razão cartesiana e com o ideal iluminista, a ponto de criar um suporte metodológico nomeado de *metapsicologia*. É notável como suas concepções foram sendo articuladas à medida que o ambiente histórico exigiu dele mutações conceituais. Foi por isso que achei importante destacar sua problematização diante do sujeito cartesiano.

Do mesmo modo, julgo que uma discussão sobre *violência* possivelmente existente naquilo que Freud escreveu necessita, e merece, pela sua grandiosidade, prosseguir com esse viés histórico de interpretação a ponto de, a partir dela, nos depararmos, hoje em dia, com debates e polêmicas dentro de um arco do conhecimento que vai desde a própria psicanálise até outros campos do saber, como a antropologia, a sociologia, o direito e a filosofia política e social, não se contando a esfera das religiões, com as quais quase sempre se confronta.

É comum nos depararmos com discussões sobre violência na obra de Freud, e, por conseguinte, na Psicanálise, com a utilização de três ou quatro ensaios de Freud, neles quase sempre inseridos, alternadamente, *Totem e tabu* (FREUD, 1914), *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (FREUD, 1915c), *Psicologia dos grupos e análise do ego* (1921), *O problema econômico do masoquismo* (1924), *Por que a guerra* (1933), e sua obra mais lida e citada, *O mal estar da civilização* (1930), todos se inserindo naqueles catalogados como seus textos culturais, escritos, todos, no século XX.

Também farei esse percurso, mas me excederei dele, ao fazer algumas observações que me conduziram a examinar e tratar a violência em Freud a partir de sua(s) teoria(s) do social, como é objetivo central do meu trabalho.

Ora, já foi dito sobre a polissemia da palavra violência. Acrescento agora um atributo de historicidade, aquele a partir do qual cada sociedade, dentro de épocas específicas, apresenta formas peculiares e até particulares de violência.

"É fato, entretanto, que não se conhece nenhuma sociedade totalmente isenta de violência. Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades. Há sociedades mais violentas do que outras, o que evidencia o peso da cultura na forma de solução de conflitos" (MINAYO, 2006, p.22-33).

Tratarei, na parte do excesso que me permiti, de nomear a violência que abordo nesse trabalho daquilo que entendo como *violência estrutural*, cuja origem vem de Heráclito de Éfeso (544-484 a. C.), para quem o conflito era o pai de todas as coisas, cujo fragmento assim enunciou:

A guerra é o pai de todas as coisas, de todas, o rei; a uns, dá à luz, como deuses, outros, como homens; a uns, faz escravos, a outros, livres. (apud BLACKBURN, 1997, p. 532)

Mais,

[...] A violência estrutural é inerente a uma situação cujo resultado intencional ou não intencional é o dano ou a destruição, e relativamente ao qual os causadores da situação são indiferentes. (BLACKBURN, 1997, p.405)

Ainda,

O contexto sócio-cultural (sic) atua sobre o que é sentido e considerado como violência, mas a noção em si mesma carrega um conteúdo semântico que ultrapassa as condições concretas particulares: a palavra violência, próxima da violação [...] alude a dilaceração, despedaçamento, agressão, desordem; quebra ou ruptura de um tabu, ultrapassagem de um limiar, de um limite; transgressão de uma proibição, abuso de um corpo; e guarda dentro dela a noção de caos (BARRETTO, 2010, p.531).

Assim, na teoria psicanalítica tem sido usado o conceito de morte para dar resposta à presença da violência no indivíduo e na vida social. A dialética entre Eros e Tânatos é utilizado por autores do campo da psicologia (BARRETTO, 2010, p.532).

Estarei muito próximo do que Maria Cecilia Minayo resumirá em dois conjuntos: o da *violência estrutural*, que

"Diz respeito às mais diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras, interpolada com a *violência institucional*, "aquela que se realiza dentro das instituições, sobretudo por meio de suas regras, normas

de funcionamento e relações burocráticas e políticas reproduzindo as estruturas sociais injustas [sic]" (MINAYO, 2006).

Por ora, darei prosseguimento ao caminho de percorrer ensaios nos quais, costumeiramente, os estudos de Freud têm permitido tratar do assunto violência na sua obra.

Início com aquele que Freud, segundo James Strachey na própria introdução do trabalho, considerava seu texto mais bem escrito, tanto na forma quanto no conteúdo (FREUD, 1913, p.15).

5.1 Totem e tabu (o mito da horda primitiva)

"No princípio, era o ato" (Freud, 1914)

Foi nesse ensaio que o momento inaugural da cultura, descrito por Freud (1913), narra o assassinato do pai primevo da horda primitiva. Além disso, esse fato instaura a interdição ao incesto.

Utilizando uma vasta bibliografia de antropólogos da época, Freud vai costurando com uma lógica interna impecável sua hipótese de que o processo de civilização é baseado na morte do 'patriarca' tirano. Voltando seu olhar para as questões relacionadas ao vínculo social, mais precisamente no campo da cultura, insiste que o papel paterno mais amplo e profundo, que mais tarde sua teoria vai crivar como 'função', se constitui como princípio fundamental na organização social, já que engendra a lei, acompanhada por um conjunto de regras e normas que irá configurar-se em um giro representativo à representação de sujeito humano.

O trabalho é extenso. Nele, Freud compara o que denominou de psicologia dos povos primitivos, com a psicologia dos neuróticos. Com isso, o núcleo de suas concepções passa a ser a família, não só o indivíduo. "O enigma de como a família verdadeira veio a ser substituída pelo clã totêmico talvez deva permanecer insolúvel até que a natureza do próprio totem possa ser explicada" (FREUD, 1913, p.25). O

ensaio se distingue, então, pela visada do social em Freud, inaugurada em 1908 com *Moral sexual 'civilizada e doença nervosa moderna* (FREUD, 1908).

Para isso vai desenvolver uma ampla dissertação sobre o totemismo, um sistema baseado em afiliações totêmicas, de onde extrai uma série de relações para chegar à sua hipótese sobre a iniciação da cultura. Freud se pergunta e responde:

O que é um totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais (FREUD, 1913, p.21).

Constituído de quatro capítulos, no primeiro, Freud quer demonstrar que poderá provar que o totemismo tem "Horror ao incesto":

Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da 'exogamia', uma instituição relacionada com o totemismo (FREUD, 1913, p.23).

Em seguida, no segundo capítulo, "O tabu e a ambivalência emocional", Freud trata das restrições ao corolário defensivo da existência do totem, o tabu, um termo polinésio de difícil tradução em nossa sociedade ocidental. Se por um lado significa "sagrado", "consagrado", por outro, pode ter a conotação de "misterioso", "perigoso", "proibido" ou "impuro". Mas,

O que nos interessa [...] é certo número de proibições aos quais esses povos primitivos estão sujeitos. [...] Essas proibições dirigem-se principalmente contra a liberdade de prazer e contra a liberdade de movimento e comunicação (FREUD, 1913, p.41).

E por que se preocupar com o enigma do tabu? "[...] os tabus dos selvagens polinésios, afinal de contas, não se acham tão longe de nós como estivemos

inclinados a pensar, a princípio; [...] uma explicação do tabu pode lançar luz sobre a origem obscura de nosso próprio 'imperativo categórico'" (FREUD, 1913, p.42).

As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto (FREUD, 1913, p.52).

Não lhe resta a menor dúvida de que:

Quem quer que aborde o problema do tabu pelo ângulo da psicanálise, isto é, da investigação da porção inconsciente da mente do indivíduo, reconhecerá, após um momento de reflexão, que esses fenômenos estão longe de lhe serem estranhos (FREUD, 1913, p.46).

Eis aonde Freud quer chegar: na comparação entre a neurose obsessiva e os sucedâneos do tabu, como instituição: "O ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivo, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens" (FREUD, 1913, p.46). Isso lhe interessa, porque "assim esta analogia entre selvagens e neuróticos nos dá um vislumbre de que grande parte da atitude de um selvagem para com seu governante provém *da atitude infantil de uma criança para com o pai*" (FREUD, 1913, p.71, grifo nosso).

Entre autores que se contradizem, ou se confirmam, nos estudos sobre os tabus, Freud analisa e esclarece sobre as ambivalências de sentimentos, afetos e desejos, que se deslocam na defesa de algumas sensações e desejos inconscientes, aparentemente corriqueiras na vida de todos nós.

Em quase todos os casos em que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, descobrimos que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta no inconsciente. Esse é o exemplo clássico, o protótipo, da ambivalência das emoções humanas. Essa ambivalência está presente em maior ou menor grau na disposição inata de cada um; normalmente não é tanta que dê para produzir as autocensuras obsessivas (FREUD, 1913, p. 82).

Ao finalizar esse segundo capítulo, Freud renova a importância dada em relação às 'formações culturais' na origem das neuroses, ao advertir:

A natureza associada das neuroses tem sua origem genética em seu propósito fundamental, que é fugir de uma realidade insatisfatória para um mundo mais agradável de fantasia. O mundo real, que é assim evitado pelos neuróticos, acha-se sob a influência da sociedade humana e das instituições coletivamente criadas por ela. Voltar as costas à realidade é, ao mesmo tempo, afastar-se da comunidade dos homens (FREUD, 1913, p.96).

Para o terceiro capítulo, "O animismo, a magia e a potência de pensamento", Freud nos expõe uma extraordinária preparação para aquele que será o clímax da sua ousadia, no quarto capítulo, "O retorno do totemismo na infância", quando anuncia suas concepções sobre as relações da horda primitiva, do parricídio e da instauração do interdito do incesto como o momento inaugural da cultura dos homens.

Ao organizar e diferenciar os três termos - animismo, magia e onipotência de pensamento - Freud começa por afirmar que o animismo é um sistema de pensamento. Aqui, observo que Freud utiliza a palavra sistema como a conhecemos hoje, permitindo a apreensão de um todo, o universo, como uma unidade isolada, vale dizer, de um ponto de vista único. Ele o faz para, como habitualmente o faz, discutir e negar tal afirmação. É preciso reconhecer que a tanto aqui quanto em outras criações intelectuais, a dialética freudiana aparece, como em toda sua obra.

Dos três sistemas de pensamento que 'a raça humana' desenvolveu como representação, (grifo nosso) quais sejam, o animismo, ou mitológico, o religioso e o científico, o primeiro, seria o único que daria uma 'explicação verdadeiramente total da natureza (grifo nosso) do universo. Como ele escreve: "A primeira *Weltanschauung* humana é uma *teoria psicológica*" (FREUD, 1913, p.99, grifo do autor). Ele contém todos os requisitos para que as religiões futuras fossem criadas.

Ao começar a contradizer dialeticamente a ideia que mencionei acima, Freud cria uma necessidade prática de controle, em forma de um "conjunto de instruções de como obter domínio sobre os homens, os animais e as coisas". Não estaria aqui presente uma ideia/força de violência, pergunto eu? A essas instruções, Freud deu o nome de feitiçaria e de magia, diferenciando-os, conceitualmente. A feitiçaria teria o papel junto aos espíritos, tratando-os como se homens fossem, uma apaziguadora

dos conflitos dos seres humanos, uma arte de influenciar, roubando-lhes, aos homens, entretanto, poder. A magia, diferentemente, despreza os espíritos e faz uso de procedimentos especiais e não dos métodos psicológicos do dia a dia (FREUD, 1913, p.101). De toda maneira, o princípio básico da magia é "em sua forma mais sucinta, [...] tomar uma conexão ideal por uma real", vale dizer, um fator operativo de semelhança.

Um fato curioso e pouquíssimo estudado pelos psicanalistas em Freud é mencionado no ensaio, quando admite a telepatia como elemento significativo: "o elemento da distância é desprezado; em outras palavras, a telepatia é admitida como certa" (FREUD, 1913, p. 103).

Dentro das características operativas da magia que Freud assimila de Frazer é substituir o princípio da semelhança por contiguidade, mesmo que só *imaginada*. Ora, a semelhança e a contiguidade seriam os dois princípios essenciais dos *processos de associação*. Ao retificar e acrescentar suas concepções aos dois processos Freud cria sua concepção do *desejo* no homem primitivo:

É fácil perceber os motivos que conduziram os homens a praticar a magia: são os desejos humanos. Tudo o que precisamos admitir é que o homem primitivo tinha uma crença imensa no poder de seus desejos. A razão básica porque o que ele começa a fazer por meios mágicos vem a acontecer, é, em última análise simplesmente que o deseja. De início, portanto, a ênfase é colocada apenas no seu desejo (FREUD, 1913, p.106).

Diferentemente da criança e do homem primitivo, que se contentam com os brinquedos e as representações imitativas suficientes para suas experiências de satisfação, na medida em que o tempo passa, aqueles acentos psicológicos se deslocam dos *motivos* do ato mágico para as *medidas* pelas quais eles são executados, ou seja, para os próprios atos. Assim,

O fato de ter sido possível construir um sistema de magia contagiosa atribuída aos desejos e à vontade foi estendida desses dois fatores a todos os atos psíquicos que estão sujeitos à vontade. [...] as coisas se tornam menos importantes do que as ideias das coisas: tudo o que foi feito às ideias das coisas inevitavelmente acontecerá também com as coisas.[...] Na época animista, o reflexo do mundo interno está fadado a obscurecer a outra representação do mundo, aquela que *nós* parecemos perceber. Para resumir, pode-se dizer, então, que o princípio que dirige a magia, a técnica

da modalidade animista de pensamento é o princípio da 'onipotência de pensamentos' (FREUD, 1913, p.108).

Mais uma vez o interesse de Freud é relacionar o primitivismo à neurose obsessiva, para justificar que os atos obsessivos são de "caráter inteiramente mágico". Considerando não ser objeto de o meu trabalho dissertar sobre a metapsicologia freudiana, mencionarei apenas a injunção do autoerotismo e do narcisismo nas considerações freudianas no ensaio que estou tratando. Todavia, a menção torna-se importante visto ser a 'onipotência de pensamento' um fator preponderante para aquilo que será o quarto capítulo do ensaio, *O Retorno do totemismo à infância*, onde Freud vai desenhar seus principais elementos para defender sua tese sobre a inauguração da cultura, ou seja, o enunciado de como nos tornamos uma sociedade. Não deixarei, portanto, de citar, como colagens, algumas observações e especulações de Freud até chegar ao capítulo mencionado.

Se podemos considerar a existência da onipotência de pensamentos entre os povos primitivos como uma prova em favor do narcisismo, somos incentivados a fazer uma comparação entre as fases do desenvolvimento da *visão humana do universo* [grifo meu] e as fases do *desenvolvimento libidinal do indivíduo* (grifo nosso).

A fase animista corresponderia à narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; a fase religiosa corresponderia à fase da escolha do objeto, cuja característica é a ligação com os pais; enquanto que a fase científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio do prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos (FREUD, 1913, p.113).

Seu respeito à arte, já expressado em 1910 com *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (FREUD, 1910) é reforçado ao anunciar a importância da sublimação e da positividade do narcisismo:

Apenas em um único campo de nossa civilização foi mantida a onipotência de pensamentos e esse campo é o da arte. Somente na arte acontece ainda que um homem consumido por desejos efetue algo que se assemelhe à realização desses desejos e o que faça com um sentido lúdico produza efeitos emocionais – graças à ilusão artística – como se fosse algo real (FREUD, 1913, p.113).

A alma animista reúne propriedades de ambos os lados [Freud se referia à atividade mental consciente e inconsciente]. Sua qualidade móvel e volátil, seu poder de abandonar o corpo e tomar posse, temporária ou permanentemente, de outro corpo – são características que nos fazem lembrar a consciência. Mas a maneira pela qual ela permanece oculta por trás da personalidade manifesta faz lembrar o inconsciente; a imutabilidade e a indestrutibilidade são qualidades que já não atribuímos aos processos

conscientes, e sim aos inconscientes, e encerramos estes como o verdadeiro veículo da atividade mental (FREUD, 1913, p.118, grifo nosso).

Após montar todo seu arcabouço teórico, Freud parte para dar a conhecer sua concepção do parricídio. O que está em questão é decifrar o simbolismo arcaico e talvez o ainda não superado limite do pensamento moderno. Como citado na p. 56 desse trabalho, os dois interditos associados ao totem seriam 'não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico'. É certo que haveria sanção como uma vingança automática, se fossem contrariadas tais restrições.

Para Joel Birman,

Freud procurou pensar nas condições de possibilidade para a conjuração da onipotência da força pulsional, pretendendo delinear assim a constituição da sociedade e da democracia modernas. Como construiu sua leitura? Pela evocação de um mito das origens, que retirou da biologia evolucionista de Darwin (BIRMAN, 2010, p. 541).

Souza (2005, p.87-88) em *Violência* vai resumir assim tal leitura:

É em Totem e Tabu (1913) que seu mito do assassinato do pai da horda primitiva e da instauração do interdito do incesto é descrito como momento inaugural da cultura. Freud faz uma diferenciação entre a interdição do fratricídio e a do parricídio. A primeira é efeito de um contrato: logo depois de realizado o objetivo de sua união – o de matarem o pai e acabarem com seu poder absoluto, os filhos começaram a lutar entre si para ocupar o lugar do pai morto. [...] renunciaram às mulheres por quem haviam cometido o assassinato e instituíram a interdição do fratricídio. O assassinato do pai [...] liberou a corrente afetiva proveniente do laço de amor que também os unia. É a nostalgia do pai – pai ideal e todo-saber que funcionava como garantia do mundo – e a culpabilidade pelo ato cometido, que faz com que os filhos o transformem em totem. O pai morto adquiriu, assim, o poder muito maior do aquele que possuía em vida. [...] É nesse ato simbólico – de poder significar os efeitos da morte do pai e instituí-lo, por intermédio do totem como referência para a coletividade – que três interdições inaugurais se entrecruzam: a proibição do incesto, do canibalismo (presente na devoração do pai morto; no banquete totêmico) e do prazer de matar.

Considere-se, porém, na escrita de Freud, que o prazer de matar "segue sendo praticado e, em certas condições, até mesmo ordenado em nossa cultura" (FREUD, 1927, p.11).

Por considerar meu ponto de vista muito próximo do de Joel Birman, psicanalista carioca, em vários dos seus escritos, passarei a tê-lo como inspirador do que se

segue. O desdobramento desse mito foi a culpabilidade dos filhos, que forjaram um totem como representação de sua origem e de sua filiação, ritualizando o crime originário.

Pode-se depreender facilmente dessa construção mítica: o que estava aqui em pauta era a constituição da modernidade política do Ocidente, a qual se caracterizaria pela ruptura violenta com a onipotência da força do um pela constituição correlata da multiplicidade de forças, que passariam então a se confrontar em posição de igualdade. Vale dizer, a sociedade moderna seria marcada pela fraternidade, correlata da condição de igualdade dos cidadãos. Assim, face à sociedade anterior caracterizada pela tirania e pela soberania do rei, se constituiu uma associação fraterna de iguais, de maneira que o múltiplo seria o que passou a caracterizar a sociedade moderna (BIRMAN, 2010, p. 542).

Ora, essa leitura anunciava, também, que a mediação para regular a onipotência, ainda presente no espectro dos irmãos, seria a culpa. Se ela, culpa, não fizesse tal regulação de maneira simbólica, a morte violenta poderia de novo ser imposta, caso algum dos 'assassinos' pretendesse ocupar a posição onipotente do pai. Estaria presente no discurso freudiano uma leitura mítica da sociedade e das democracias modernas, cujos paradigmas seriam a Revolução Francesa e a Revolução Americana. O modelo seria o de uma associação de cidadãos que reteria a soberania do povo ou, se se quiser, do múltiplo. Freud estaria dando continuidade ao que enunciara em *A moral sexual 'civilizada'* e *a doença nervosa dos tempos modernos*, realizando uma leitura metapsicológica da sociedade moderna (FREUD, 1908).

Assim, nessa leitura onde a posição estratégica da culpa assumiria o papel de reguladora da força para o estabelecimento dos laços sociais, a aproximação com a antropologia, especialmente com a de Rousseau (1712-1778), é patente, articulando a piedade e a culpa, sobre as quais discutiremos, mesmo que superficialmente, mais tarde, na conclusão do nosso trabalho.

5.2 Reflexões para os tempos de guerra e morte, (ou o estado violento e antiético)

O ensaio referido foi escrito diante de circunstâncias em que Freud se sentiu perplexo e desiludido. Com efeito, a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), com envolvimento direto das mais importantes nações europeias, representantes do

que havia de mais avançado em termos da racionalidade científica e avanços tecnológicos, se serviram deles para promover a destruição e para se impor aos considerados inimigos, por meio da força, portanto, da violência explícita.

Freud assim se referiu ao período:

Na confusão dos tempos de guerra em que nos encontramos [...] nós próprios ficamos perplexos diante da importância das impressões que nos pressionam e diante do valor dos julgamentos que formamos. [...] jamais um evento destruiu tanto de precioso nos bens da humanidade, confundiu tantas das inteligências mais lúcidas, ou degradou de forma tão completa o que existe de mais elevado. A própria ciência perdeu sua imparcialidade desapaixonada; os antropólogos sentem-se impelidos a declará-lo inferior e degenerado, os psiquiatras dão um diagnóstico da sua doença da mente ou do espírito. [...] nosso sentimento quanto a esses males imediatos é desproporcionalmente forte e não temos o direito de compartilhá-los com os males de outros tempos que não experimentamos (FREUD, 1915c, p.311).

Como seria possível que as tradições socioculturais pudessem abrir mão da racionalidade e da moral, passando a atos tão brutais e mortíferos? A desilusão lhe impõe uma comparação entre as sociedades primitivas ou anteriores com a atual, de tal maneira que comparou a presença de sociabilidades diferentes entre elas, sustentando que naquelas haveria certos padrões éticos que teriam desaparecido nessas. Além da desilusão sentida por todos, haveria uma modificação da atitude diante do respeito face à morte, valorada antes e que agora, teriam entrado em suspensão.

Nessa guerra, o cidadão individual pode, com horror, convencer-se de que ocasionalmente lhe cruzaria o pensamento em tempos de paz – que o Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseja aboli-la, mas porque deseja monopolizá-la, tal como o sal e o fumo. [...] O Estado exige o grau máximo de obediência e de sacrifício de seus cidadãos; ao mesmo tempo, porém, trata-os como crianças mediante um excesso de sigilo e uma censura. [...] Exime-se das garantias e tratados que o vinculavam a outros Estados e confessa desavergonhadamente sua própria capacidade e sede de poder que o cidadão tem então de sancionar em nome do patriotismo (FREUD, 1915c, p.315-316).

Como já dissemos anteriormente, na tentativa de explicar sua desilusão, Freud formula uma tese de que a psicanálise revela que:

[...] a essência mais profunda da natureza humana consiste em impulsos instituais de natureza elementar, semelhante em todos os homens e que visam satisfação de certas necessidades primeiras. Em si mesmos, esses impulsos não são nem bons nem maus. Classificamos esses impulsos, bem como suas expressões, dessa maneira, segundo sua relação com as necessidades e as exigências da comunidade humana. Deve-se admitir que

todos os impulsos que a sociedade condena como maus – tomemos como representativos os egoísticos e cruéis – são de natureza primitiva (FREUD, 1915c, p. 317-318).

A partir daí, Freud realiza uma leitura acentuadamente antievolucionista, já que numa perspectiva evolucionista se conceberia as sociedades modernas possuindo maior nível de civilidade. Levando em conta o critério da eticidade, a leitura de Freud nos indicaria que a barbárie estaria mais presente nas sociedades mais próximas do que nas primevas, contrariando os pressupostos do evolucionismo. Vale dizer, como Birman (2010, p. 547) afirma, "a crueldade estaria efetivamente bem mais presente naquelas e não nestas, pelo que se poderia depreender do cenário apocalíptico da guerra moderna, orientado paradoxalmente pela ciência e pela técnica".

No que tange à atitude quanto à morte, Freud reconhece uma ruptura entre civilizados e os povos primitivos, dos quais se ocupara antes, desde Totem e Tabu (FREUD, 1913) até no ensaio aqui estudado, pois não se trata de evocação dos primitivos para colher dádivas do processo civilizatório. Os primitivos, ao contrário, demonstravam uma ética diante da morte - a ponto de expurgar o contato com a morte dos inimigos na guerra, antes de retornarem aos seus clãs ou famílias -, que demonstrou-se enfraquecida na sociedade habitada por Freud.

Quando a furiosa luta da guerra atual for decidida, cada um dos combatentes vitoriosos retornará alegremente à pátria, para sua esposa e seus filhos, sem ser questionado ou perturbado por pensamentos sobre os inimigos que, quer de perto, quer de longe, matou. [...] nosso inconsciente é tão inacessível à ideia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido (isto é, ambivalente) para com aqueles que amamos, como era o homem primitivo. Contudo, como nos distanciamos desse estado primevo em nossa atitude convencional e cultural para com a morte! (FREUD, 1915c, p. 334-338)

Afinal, a guerra:

[...] estigmatiza os estranhos como inimigos, cuja morte deve ser provocada ou desejada; diz-nos que desprezemos a morte daqueles que amamos. A guerra, porém, não pode ser abolida; enquanto as condições de existência entre as nações continuarem tão diferentes e sua repulsa mútua tão violenta, sempre haverá guerras. [...] Lembremos do velho ditado: *Si vis pacem, para bellum*. [...] Estaria de acordo com o tempo em que vivemos alterá-lo para *Si vis vitam, para mortem* (FREUD, 1915c, p. 338-339).

É importante destacar a transformação na leitura de Freud realizada nesse artigo, sobre a ordem política e a governabilidade, contrapondo-se com certa radicalidade com o que formulou em Totem e Tabu. Para Birman,

[...] se nesta obra, com efeito, a sociedade fraternal poderia conjurar a onipotência pulsional, em *Reflexões para os tempos de guerra e da morte*, em contrapartida, o Estado proibiria ostensivamente a onipotência da força pulsional em tempos de paz, mas a promoveria de maneira eloquente em tempos de guerra. Enfim, na paz e na guerra a relação face à onipotência pulsional não seria a mesma e sim oposta, se deslocando da interdição para a incitação à violência (BIRMAN, 2010, p.545).

Em consequência, em razão dessa transformação teórica na sua leitura sobre a governabilidade e o esboço de uma leitura diferencial sobre guerra e política, no limiar da crueldade, o discurso freudiano toma outro rumo em termos de suas referências teóricas no campo da filosofia política. Se antes, como anteriormente dito, sua influência estaria adscrita a Rousseau (1712-1778), agora ele passa a ser relacionado à filosofia política de Hobbes (1558-1679). Isso que se iniciou com *Reflexões* causaria, mais tarde, uma profunda transformação na sua teoria das pulsões. Abordarei mais tarde, nas conclusões finais, tais novas relações.

5.3 Psicologia do grupo e a análise do ego (o problema econômico do masoquismo e a origem do narcisismo das pequenas diferenças)

A sequência de pontos de vista de Freud, nesse ensaio deriva, em sua maioria, do quarto ensaio de *Totem e tabu* (FREUD, 1913) e de seus artigos sobre o *Narcisismo* (FREUD, 1914) e de *Luto e melancolia* (FREUD, 1917).

O ensaio se constitui na busca de explicar a psicologia das massas a partir da psicologia da mente individual, além da antecipação de uma nova tópica para explicar a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico (id, ego e superego). O discurso freudiano tenta demonstrar que a confrontação mortal entre os sujeitos não estaria restrita aos tempos de guerra entre Nações, mas também no interior de cada uma delas. A confrontação existiria, portanto, permanentemente entre grupos, segmentos e classes sociais.

Lidando praticamente com os mesmos autores com que desenvolveu *Totem e tabu* (FREUD, 1913), especialmente o antropólogo Gustave Le Bon (1842-1931), Freud propõe que a massa (grupo) se constitui a partir da instalação de um objeto externo, o líder do grupo, tomando o lugar do até então 'ideal do eu' (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992; ROUDINESCO; PLON, 1998), reduzindo o narcisismo de cada um

do grupo, além de um vínculo amoroso estabelecido entre os pares, que funcionaria como compensação por essa renúncia narcísica.

[...] o indivíduo na multidão regride, de alguma maneira, a um modelo infantil e arcaico de funcionamento, na medida em que o homem é "um animal de horda, uma criatura individual numa borda conduzida por um chefe" (DI MATTEO, 2007, p.202).

Após estabelecer uma discussão que retornaria às ideias de sugestão e hipnose, Freud lança mão do conceito da *libido*, uma "expressão extraída da teoria das emoções":

Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra 'amor'. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. [...] Tentaremos nossa sorte, então, com a suposição de que as relações amorosas (ou para empregar expressão mais neutra, os laços emocionais) constituem também a essência da mente grupal (FREUD, 1921, p.115-117).

"Um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?", perguntará Freud. Ele trata de reconhecer sobre o que denomina de 'grupos artificiais' ou 'estáveis' – a Igreja e o Exército - uma dinâmica diferente, uma "força externa", que nos interessa sobremaneira porque Freud enuncia que em tais grupos a manutenção de seus membros deve-se, sobremaneira, à violência de uma hierarquia que coloca o indivíduo à mercê de um **poder** [grifo meu] difuso. Ele os mantém, entretanto, na concepção de grupos com líderes.

Retomando o caminho de Birman (2010), este autor chama a atenção para o fato de que, a partir do que Freud desenvolve em *Reflexões* (1915) e o novo limiar da crueldade que a guerra lhe revelaria, Freud teve que 'transformar suas teorias das pulsões'. O discurso freudiano em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), faz essa retificação, com seu último dualismo pulsional, 'pela consideração que teve que atribuir à crueldade e à pulsão de destruição neste novo contexto teórico e histórico'.

Assim, se a pulsão sexual e a pulsão do eu se inscrevem agora no campo de pulsão de vida, pela intrincação e ligação que a pulsão de vida realizaria

da pulsão de morte, a crueldade e a destrutividade seriam efeitos diretos da pulsão de morte, quando esta seria deixada em estado livre, e não mais sendo regulada pela pulsão de vida. Foi ainda em decorrência disso que o trauma foi aqui retomado como problemática maior pelo discurso freudiano, na medida em que a crueldade e a potência da destruição passaram a ocupar lugares privilegiados na leitura teórica de Freud. Enfim, a compulsão à repetição seria a operação psíquica nova, formulada então por Freud, para regular o registro do traumático no psiquismo (BIRMAN, 2010, p. 548).

Com efeito, Freud assinala:

No caso das neuroses traumáticas comuns, duas características surgem proeminentemente: primeira, que o ônus principal de sua causação parece repousar sobre o fator da surpresa, do susto, e, segunda, que um ferimento ou dano infligidos simultaneamente operam, via de regra, contra o desenvolvimento de uma neurose. 'Susto', 'medo' e 'ansiedade' são palavras impropriamente empregadas como expressões sinônimas; são, de fato, capazes de uma distinção clara em sua relação com o perigo. A 'ansiedade' descreve um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O 'medo' exige um objeto definido de que se tenha temor. 'Susto', contudo, é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator da surpresa (FREUD, 1920, p. 23).

No caminho para o que mais tarde, no *Mal estar da civilização* (FREUD, 1930), denominaria de *narcisismo das pequenas diferenças*, sobre o qual falaremos adiante, Freud positivou a famosa metáfora do porco-espinho, de Schopenhauer (1788-1860), evocando que o homem se comportaria como um porco-espinho:

Um grupo de porcos-espinhos apinhou-se apertadamente em um certo dia de frio de inverno, de maneira a aproveitarem o calor uns dos outros e assim salvarem-se da morte por congelamento. Logo, porém, sentiram os espinhos uns dos outros, coisa que os levou a se separarem novamente. E depois, quando a necessidade de aquecimento os aproximou mais uma vez, o segundo mal surgiu novamente. Dessa maneira, foram impulsionados, para trás e para a frente, de um problema para o outro, até descobrirem uma distância intermediária, na qual podiam toleravelmente coexistir (FREUD, 1921, p.128, nota 1).

Pai da horda originária, pai do infante e líder acabam por se sobrepôr, nos infantilizando. A multidão teria um desejo de autoridade, vale dizer, de submissão, que perpassaria os grupos (massa); entretanto, Di Matteo (2007) percebe uma certa discrepância no enunciado:

Diante do poder sedutor, quase hipnótico, do líder e das massas, 'depósito herdado da filogênese da libido humana', parece que não há como pensar a liberdade e a singularidade. *No entanto, a descrição freudiana da estrutura dessa massa-sociedade, fundada e mantida na ilusão, permite criticar justamente valores que ela mais preza (o chefe e a autoridade)*

evidenciando os aspectos críticos e propositivos presente na análise freudiana do fato social (DI MATTEO, 2007, p.204, grifo nosso).

Talvez por isso mesmo, Birman (2010) chame atenção para o fato de que o discurso freudiano, agora, enuncia "uma tese que se contrapõe rigorosa e literalmente ao que formulara anteriormente em *Totem e Tabu*, segundo a qual o homem seria um animal da horda e não um animal de massa", mesmo que:

a horda originária não seria jamais ultrapassada pela ordem social e pela ordem política, como concebera inicialmente, mas [pelo menos] se manteria subjacente a estas, pois o homem, pelo narcisismo das pequenas diferenças, não se massificaria e não se homogeneizaria. Seria ainda por conta disso, enfim, que a multiplicidade triunfaria sobre a unidade (BIRMAN, 2010, p.550).

Além disso, em *O Problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924), nesse contexto teórico anunciado em "*Psicologia de grupo e a análise do ego*", (1921), Freud inverteria a ordem até então conferida ao sadismo e ao masoquismo que mantinha desde os "*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*" (1905b), ou seja, agora o masoquismo seria primário e o sadismo secundário, e não ao contrário, fórmula que traria à tona a situação de que o sujeito poderia dirigir a violência ao outro, deslocando-a para o exterior de si, protegendo-se, assim, dos efeitos da violência do corpo e do psiquismo, ou seja, temos uma nova maneira de Freud inscrever a violência e a crueldade no sujeito ou na singularidade (ou ego) ou no social (o outro ou a alteridade), a partir da interação do sujeito nas relações com o(s) outro(s).

Na escrita de Freud:

Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade (FREUD, 1921, p.163).

Ou como escreve Di Matteo:

A massa ou ao indivíduo enredado no seu desejo ilusório, Freud contrapõe uma *singularidade* animada por um inconformismo que pode chegar à revolta para atingir sua liberdade. A passividade, a resignação, o conformismo a obediência não são um destino ao qual estamos condenados na nossa vida em grupo, a despeito de nossa "identidade" se constituir do precipitado de inúmeras identificações. [...] registramos antes de tudo, a seguinte afirmação inequívoca (DI MATTEO, 2007, p. 205).

"Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de raça, classe, credo, nacionalidade, etc.- podendo também elevar-se sobre

elas, na medida em que possui *um fragmento de independência e originalidade*" (FREUD, 1921, p.63, grifo do autor).

Poderíamos dizer, como Birman, que, diante da alegoria dos porcos-espinhos, o "modelo aristocrático do sujeito não resiste ao desafio real da comunidade humana?".

5.4 O mal estar da civilização

Nesse texto Freud retoma uma série de "temas culturais" que até então tratara, articulando-os para buscar as causas determinantes do nosso descontentamento e da infelicidade na civilização.

"Sem dúvida, a história de Freud com o instinto da agressividade e da destruição é complicada" (STRACHEY, 1930, p. 78). Ele a encarou, nos primórdios dos seus escritos, no contexto do sadismo. Seus primeiros estudos mais longos sobre sadismo, até então, ocorreram com *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905), como descrito nas notas de seu editor inglês, James Strachey,

[...] onde surgiu como um dos 'instintos componentes' ou 'parciais' do instinto sexual. 'Assim', escreveu ele na Seção 2 (B) do primeiro ensaio, 'o sadismo corresponderia a um componente agressivo do instinto agressivo que se tornou independente e exagerado e, por deslocamento, usurpou a posição dominante'.(Edição *Standad* Brasileira, Vol.VII, IMAGO Editora, 1972, págs 159-160). Não obstante, posteriormente na Seção 4 do segundo ensaio, a independência original dos impulsos agressivos foi reconhecida: 'Pode-se presumir que os impulsos de crueldade surgem de fontes que são, na realidade, independentes da sexualidade, mas podem unir-se a ela num estágio prematuro' (ibid., 198n). As fontes independentes indicadas deveriam ter sua origem remontada aos instintos autopreservativos (sic). Essa passagem foi alterada na edição de 1915, onde se declarou que 'o impulso da crueldade surge do instinto do domínio' e a frase sobre ser ele 'independente da sexualidade' foi omitida (STRACHEY, 1930, p.78).

Lembre-mo-nos que na história clínica do "Pequeno Hans" (1909) Freud já havia recusado a teoria de Adler (1860-1937) sobre um 'instinto agressivo especial', além de sempre ligar tais impulsos de agressividade ao instinto autopreservativo, como em *O instinto [a pulsão] e suas vicissitudes* (FREUD, 1915, p.117-162).

Foi somente em 1920, com *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920, p.17-85), que apareceria na obra de Freud uma pulsão agressiva verdadeiramente independente, a *pulsão de morte*:

Sem embargo, é tentador citar um par de frases de uma carta escrita por Freud, em 27 de maio de 1937, à Princesa Marie Bonaparte na qual parece aludir a uma maior independência original da destrutividade externa: 'A interiorização do instinto agressivo é, naturalmente, o correspondente da exteriorização da libido, quando ela se transfere do ego para os objetos. Teríamos um quadro esquemático nítido se supuséssemos que, originalmente, ao início da vida, toda libido era dirigida para o interior e toda a agressividade para o exterior, e que no decorrer da vida, isso gradativamente, se alterava. Mas talvez isso não seja correto'. É justo acrescentar que, em sua carta seguinte, Freud escrevia; 'Peço-lhe para não dar muito valor às minhas observações sobre o instinto de destruição. Elas só foram feitas fortuitamente e teriam de ser cuidadosamente pensadas antes de publicadas. Ademais, pouco há de novo nelas' (STRACHEY, 1920, p. 79-80).

Manifestações de culpa, sexualidade e castigo percorrem toda a obra freudiana

O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. [...] Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos. [...] Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias (FREUD, 1930, p. 94).

Ainda com Freud:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro (FREUD, 1930, p. 95).

A partir das obras analisadas nesse capítulo, sempre estarão presentes:

[...] a horda primitiva, a tirania do pai da horda, a revolta dos irmãos, o assassinato do pai, o complexo de culpa, o recalque do crime, a divinização do pai, o estabelecimento dos principais "tabus morais" – o parricídio (recalque das pulsões agressivas) e incesto, (recalque das pulsões sexuais) [compondo] o nascimento da sociedade com suas instituições básicas – a religião, a moral, o sistema de trocas das mulheres, a arte (narrações, figurações, representações da saga da horda [e] o complexo de Édipo parece se constituir como a construção teórica que resolveria todos os problemas da existência humana) (DI MATTEO, 2007, p.209).

Mesmo que reconheça, mais tarde, o fardo que representa a renúncia pulsional, Freud continua com suas concepções, insistindo que tudo o que é recalçado insiste em retornar:

Também temos admitido que, a despeito de todo o nosso orgulho por nossas conquistas culturais, não nos é fácil satisfazer os requisitos dessa civilização e sentir-nos à vontade nela, porque as restrições instintuais impostas a nós constituem uma pesada carga (FREUD, 1933b, p.137).

O limite à agressividade – "traço indestrutível da natureza humana" – é o primeiro sacrifício, e talvez o mais duro, que a sociedade pede ao indivíduo (SOUZA, 2005, p.89).

Ainda,

[...] especialmente no Futuro de uma ilusão (1927) e no Mal estar na cultura (1930), [Freud] enfatizará a impossibilidade de se criar parâmetro único para a forma de se estar no mundo, e criticará o totalitarismo de uma cosmovisão dada pela religião ou por um ideal político que estabeleça a unicidade, abolindo as diferenças, impedindo o pensamento e instalando a violência entre os homens, principalmente contra os grupos que se mantêm à margem do pensamento proposto e autorizado (SOUZA, 2005, p.91).

Souza (2005) vai nos lembrar que,

Ao término do texto de 1908, é o efeito violento da defusão das pulsões que será antecipado. "Ao limitar a atividade sexual de um povo, se aumenta em geral a angústia vital e o medo à morte (p.181), fatores que suprimem a capacidade individual de obter prazer e diminuem sua participação na construção coletiva do futuro. [Entretanto] [...] Sua hipótese posterior sobre as pulsões de morte e sua mescla com as pulsões de vida deixarão em evidência o efeito dessa defusão: quando desaparecem os ganhos culturais, os laços sociais, o amor e a ternura que une os homens entre si, a pulsão de destruição encontra maior espaço para sua manifestação, convertendo-se em violência" (SOUZA, 2005, p. 91).

A sociedade humana é constituída por grupos espontâneos ou institucionais que seriam duplicações daquela experiência originária descrita em Totem e tabu (FREUD, 1913) porque a 'herança filogenética é um traço constitutivo da dimensão social do homem, de maneira que os vários agrupamentos seriam uma regressão à estrutura da horda, uma nova edição contínua:

Assim como há uma continuidade fundamental entre a mente do homem primitivo, do neurótico, da criança e, de alguma maneira, do homem dito normal, também é possível reconhecer na vida grupal (micro, macro, espontânea e institucional) do homem contemporâneo a 'persistência' da horda originária. Há sim, uma estrutura comum que perpassa essas formações sociais, porque – conforme a formulação lapidar de Freud – "o homem é um animal de horda" (DI MATTEO, 2007, p. 203).

Como escreve Freud, iniciando o capítulo 7 do *Mal estar da civilização* (1930):

Quais os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que se lhe opõe, torná-la inócua ou, talvez, livrar-se dela? Já nos familiarizamos com alguns desses métodos, mas ainda não com aquele que parece ser o mais importante. Podemos estudá-lo na história do desenvolvimento do indivíduo. O que acontece neste para tornar inofensivo seu desejo de agressão? (FREUD, 1930, p.146).

Sua resposta é rápida, no caminho da continuidade a que nos referimos:

Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então, sob a forma de 'consciência', está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos. A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição. A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada (FREUD, 1930, p.146).

Um pouco mais à frente, em *Aquisição e o controle do fogo* (FREUD, 1932, p.230), ao reafirmar o que já defendera no *Mal Estar*, (1930), sobretudo no capítulo 7, ele escreve: "Sabemos que a exigência de renunciar ao instinto e a coerção dessa exigência despertam hostilidade e agressividade, que só se transformam em sentimento de culpa em uma fase posterior do desenvolvimento psíquico". " Há uma intensidade pulsional que está sempre coagindo o psiquismo e para a qual, a fim de se manter a *sobrevivência e o amor dos objetos*, é necessário dar um destino" (SOUZA, 2005, p.94, grifos do autor).

Freud, nesse sentido, assinala:

Talvez, após certa hesitação, acrescentemos que, mesmo quando a pessoa não fez realmente uma coisa má, mas apenas identificou em si uma intenção de fazê-la, ela pode encarar-se como culpada. Surge então a questão de saber por que a intenção é considerada equivalente ao ato. [...] O que é mau, frequentemente, não é de modo algum o que é prejudicial ou perigoso ao ego; pelo contrário, pode ser algo desejável pelo ego e prazeroso para ele. Aqui, portanto, está em ação uma influência estranha, que decide o que deve ser chamado de bom ou mau. [...] De uma vez que os próprios sentimentos de uma pessoa não a conduziram ao longo desse caminho, ela deve ter um motivo para submeter-se a essa influência estranha. [...] Esse motivo é facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como *medo da perda de amor*. *Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos*. Acima de tudo, fica exposta ao perigo de que essa pessoa mais forte mostre a sua superioridade sob forma de punição. De início, portanto, mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir

ameaçados. Por medo dessa perda, deve-se evitá-lo (FREUD, 1930, p.147-148, grifo nosso).

Eis onde Freud vai alojar sua descrição dicotômica: no superego, que por sua vez, "atormenta o ego pecador com o mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo externo Na realidade, então devemos falar de consciência ou de sentimento de culpa" (FREUD, 1930, p.148).

Está aberto o caminho para a resposta na busca daquilo que determinará, para Freud, nosso descontentamento e infelicidade na civilização:

[...] O mal estar decorreria das proibições da cultura ao incesto e à sexualidade polimorfa e perversa, bem como das restrições da própria sexualidade genital, de fato mais tolerada do que permitida. [...] O mal estar é o preço que se deve pagar para que a civilização se torne possível e se desenvolva; decorre de um sentimento de culpa inconsciente, filho de uma agressividade que a cultura, pelo superego cultural, consegue colocar a serviço de Eros, desenvolvendo-a contra o próprio indivíduo (DI MATTEO, 2007, p.207)

Freud ainda abre uma discussão sobre o papel da ética e do destino nesse mundo desencantado, ambos admitidos como reforço da concepção do sentimento de culpa no mal-estar da civilização. O primeiro seria como terapêutica e o segundo, como um 'substituto do agente parental', encarado no sentido estritamente religioso de nada mais ser do que uma expressão da Vontade Divina. Na verdade, nada pode ser escondido do superego, 'sequer os pensamentos'.

Conhecemos, assim, duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego (FREUD, 1930, p.150).

Retomando a posição de Birman (2000; 2010), Freud supõe haver uma inclinação direta à agressão, na qual o prazer de agredir tem de encontrar outros destinos. Caso isso não aconteça o prazer de agressão se mantém como meta de satisfação, porque não foi desviado, apontando para o fracasso na mediação, sempre necessária, de um *outro* que serviria ao trabalho de ligação e simbolização. Nesse caso, o contrato edípico e o contrato social não teriam tido uma 'quebra injusta', como referiu Pellegrino (1983).

Com efeito, ao discorrer quanto aos discursos freudianos sobre o social, Birman (2000, p.123) avança na discussão sobre a modernidade e seus impasses ao comentar:

[...] os discursos forjados por Freud para enunciar a questão da subjetividade no campo da civilização (no sentido universalista) foram na verdade comentários tecidos sobre a condição do sujeito na modernidade (BIRMAN, 2003, p.123).

Birman (2000, p.124) vai criticar com alguma severidade a posição de conformismo crítico adotada pela tradição psicanalítica pós-freudiana - que teria assumido um tom ao mesmo tempo triunfalista e cientificista incompatível com os argumentos radicais sobre o mal-estar na modernidade, perdendo sua dimensão *ética e política* -, ficando reduzida à uma restrita perspectiva terapêutica, em que a *harmonia* do sujeito no campo social seria sua finalidade maior.

Freud se deslocou entre dois polos, que se contrapõem em seus menores detalhes. [...] se no começo do seu percurso teórico Freud acreditou na *harmonia* possível entre os registros do sujeito e do social⁹, em seguida essa harmonia foi colocada incisivamente em questão, de maneira que a problemática do *desamparo* do sujeito no campo social foi a marca decisiva de sua leitura da inserção do sujeito na modernidade¹⁰. [...] foi a *desarmonia nos laços sociais* que então foi sublinhada por Freud. Com isso, enfim, o discurso freudiano assume um *estilo trágico* de leitura da modernidade (BIRMAN, 2000, p.123-124).

Com isso, está avalizado o que Birman (2010) alude na sua interpretação dos paradigmas dos discursos sustentados nas teses de Rousseau (1712-1778) e Hobbes (1588-1679) nos dois polos do discurso freudiano. Birman se ampara nas questões de governabilidade e de força em psicanálise, discutindo se seria possível ou não a operacionalidade de um atributo importante que Freud utiliza nas suas considerações sobre a agressividade e as possíveis condições de violência nas sociedades: a sublimação.¹¹ Tais manifestações trazem, ainda, discussões sobre como Freud encara o poder nas entrelinhas das suas concepções.

Di Matteo (2007) se manifesta em direção a essa perspectiva, ao colocar:

⁹ A moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa dos tempos modernos (FREUD, 1908).

¹⁰ O mal estar da civilização (FREUD, 1930).

¹¹ A esse respeito, consultar Birman, J. Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. Psicologia USP, São Paulo, v.21, n. 3, p.531-556, julho/setembro, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42058>.

Em suma, Freud mostra-nos que a felicidade não será inscrita nos planos da criação e que o destino do homem está mais próximo da infelicidade, cujas causas devem ser procuradas num mundo sem Providência, numa Cultura sem tolerância e na natureza das próprias pulsões sem satisfação plena possível (DI MATTEO, 2007, p. 207).

O que mais se recrimina em Freud é a insistência em privilegiar o eixo vertical para compreender o social e o político, desconsiderando outros modelos. Não seria possível uma teoria do poder do grupo sem chefe? Ao afirmar a primazia do laço afetivo com o líder sobre aquele mantido entre os membros da multidão, parece que Freud simpatiza com a teoria do poder do chefe sobre o grupo (DI MATTEO, 2007, p.203).

Estariam, em várias considerações acima, além de um resumo bem apropriado do que Freud aborda em *Mal Estar da Civilização*, a concordância estrita ao seu modelo do recalque e ao paradigma edipiano.

Entretanto, tal entendimento traz constrangimentos a alguns psicanalistas (BURSZTEM, 1998; COSTA, 1998, 2000; ROZITCHNER, 1989) e estudiosos da Psicanálise de outras áreas do saber - que apesar de operarem com as noções centrais do modelo, discutem sobre sua insistência radical indicada acima. Isso acontece, sobretudo, com aqueles que se preocupam em contextualizar a Psicanálise num espectro mais amplo e próximo da contemporaneidade. Não cabem, entretanto, fazer digressões desse interessante assunto, em nosso trabalho.

Em que pese tais estudiosos reconhecerem a teoria freudiana umbilicalmente ligada ao pensamento da modernidade, a pergunta é se certos axiomas do seu modelo poderiam ter sido estabelecidos dando espaço para outras discussões. Além disso, admite-se que algumas dessas discussões exigiriam a incorporação de temas e teorizações que Freud não pôde contar na sua época.

Souza (2005, p.91) lembra-nos, por exemplo, da célebre manifestação do grande psicanalista brasileiro, Hélio Pellegrino, que mesmo utilizando-se do modelo estrito, cria uma interessante via para discutir a violência, ao mencionar o Pacto Social. Pellegrino (1983) denuncia o aparecimento, no Brasil, de uma similar da Lei do Talião em razão de trocas injustas entre a renúncia pulsional da cultura e a filiação edípica do sujeito, que sustenta sua legitimação no intercâmbio social. Com efeito, penso que ainda hoje na sociedade brasileira perdura o que Pellegrino denunciava.

Como os direitos de filiação à ordem simbólica são rebaixados, eles geram atos frequentes de violência:

[...] A renúncia edípica prefigura e torna possível a renúncia posterior, exigida pelo trabalho. Se o pacto social é iníquo, e avilta o trabalho, ele vai aviltar e tornar iníqua a renúncia pulsional por ele próprio exigida. O amor ao trabalho só é possível na medida em que os direitos do trabalhador sejam minimamente respeitados. Se isto não ocorre, há uma ruptura do pacto social. O trabalho torna-se sem sentido, aviltante e humilhante, tanto quanto o sacrifício e a renúncia que, em seu nome, me disponho a fazer. Rompo, aí, com a sociedade, e esta ruptura terá, inevitavelmente, profundas repercussões intrapsíquicas, que irão sacudir, sob a forma de um abalo sísmico, os fundamentos do pacto primordial com o Pai simbólico – e com a Lei da Cultura.

A ruptura com o pacto social, em virtude de sociopatia grave – como é o caso brasileiro –, pode implicar a ruptura, ao nível do inconsciente, com o pacto edípico. Não nos esqueçamos que o pai é o primeiro e fundamental representante, junto à criança, da Lei da Cultura. Se ocorre, por retroação, tal ruptura, fica destruído, no mundo interno, o significante paterno, o Nome-do-Pai e, em consequência, o lugar da Lei. Tal desastre psíquico vai implicar o rompimento da barreira que impedia, em nome da Lei, a emergência dos impulsos delinquentiais pré-edípicos, predatórios, parricidas, homicidas e incestuosos. Assistimos a uma verdadeira volta do recalçado. Tudo aquilo que ficou reprimido ou suprimido – em nome do pacto com o pai – vem à tona sob forma de conduta delinquente e anti-social (SIC).

É essa a chave psicanalítica para compreensão do surto crescente de violência e delinquência que dilacera o tecido social brasileiro nas grandes cidades. Existe, em nosso País, uma guerra civil crônica sob a forma de assaltos, roubos, assassinatos, estupros – e outras gentilezas do gênero. Esta guerra foi declarada e é mantida pelo capitalismo selvagem brasileiro, pela cupidez e brutal egoísmo das classes dominantes, nacionais e multinacionais, que o sustentaram e expandiram às custas da miséria do povo (PELLEGRINO, 1983, *on-line*).

Certamente tal denúncia não seria estranha a Freud, mas excederia do seu cuidado em sempre ocultar a existência da violência como produto de relações na sociedade.

Souza (2005) adverte que, na contemporaneidade,

Na tentativa de evasão ao desamparo, à perda da garantia de amor, ao não enfrentamento da culpabilidade do espaço simbólico, teríamos uma abertura para pensar as delinquências e os atos violentos de extremo sadismo. O prazer resultante da violência exercida adviria da satisfação pulsional irrestrita, e da garantia e integração que o sujeito parece adquirir diante do *domínio* exercido sobre o outro, preservando dessa forma, seu narcisismo e uma "suposta autonomia" (SOUZA, 2005, p. 99).

Finalmente,

Se vivemos numa cultura em que a preservação do narcisismo tornou-se valor sobrevivência, o outro desaparece como valor simbólico; sua presença é ameaçadora ou necessária apenas para a sustentação da imagem

narcísica. Seus efeitos trazem como destino [...] duas vias sintomáticas: a atuação compulsiva sem consideração pelo outro, sem compaixão – via da violência perversa ou do sofrimento resultante da culpabilidade mórbida pela destrutividade internalizada, contida, pela insuficiência, pela insatisfação consigo próprio – via da apatia, do masoquismo e da depressão. Não é gratuito que esses sejam o sintomas mais evidentes em nossa cultura; eles nos confrontam justamente com aquilo que se pretenderia evitar: o desamparo e a morte [...] A ausência da culpabilidade pode, portanto, ser pensada como uma das marcas possíveis da subjetividade moderna (SOUZA, 2005, p.99-100).

A oposição fundamental não é a que se coloca entre o indivíduo e a civilização, mas antes a que se deflagra entre a vontade de manutenção do narcisismo [...] e a necessidade simbólica que se constitui pelo reconhecimento da Lei, das diferenças e da alteridade (SOUZA, 2005, p.100).

Para Birman (2000, p.122-145), percebe-se, que no modelo freudiano embutido no *Mal estar da civilização* (FREUD, 1930) existe uma crítica sistemática aos pressupostos iniciais debatidos em *Moral sexual 'civilizada e doença nervosa moderna'* (FREUD, 1908), quando então Freud acreditava na harmonia entre pulsão e civilização, vislumbrando a possibilidade de harmonia entre os registros conflitivos da pulsão e da civilização. Com o viés da pulsão de morte, a partir de 1920, silenciosa e não inscrita originariamente no campo da representação, tal harmonia torna-se impossível. É daí que surgiria, então, o desamparo do sujeito e o mal-estar na civilização.

Desde o segundo capítulo do *Mal estar*, Freud indica que a ética da felicidade da filosofia do Iluminismo não seria mais possível nesse novo contexto teórico, quando aponta que "A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos" (FREUD, 1930, p.102-103). "O arcabouço da ideologia do Iluminismo, que estava no fundamento do ensaio sobre "A moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa dos tempos modernos", ruiu aqui" (BIRMAN, 2000, p.138).

Podemos, pois, afirmar que o Mal-estar na civilização é uma crítica sistemática aos pressupostos freudianos iniciais, sustentados na "Moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa dos tempos modernos quando ainda se acreditava na harmonia entre pulsão e civilização". Com o desamparo originário do sujeito, tudo isso se tornou insustentável e outra leitura da inserção do sujeito na civilização se tornou então possível (BIRMAN, 2000, p. 138).

Seria desejável que pudéssemos alertar nossos leitores para o conceito de desamparo, fonte da nova leitura a que se refere Birman e alguns outros estudiosos da obra de Freud.

[...] nesse novo contexto teórico e crítico a problemática do desamparo foi inscrita como algo de ordem originária no fundamento do sujeito e do pensamento psicanalítico. Não obstante o fato de que o significante "desamparo" tenha sido introduzido muito precocemente no discurso freudiano desde o "Projeto de uma psicologia científica" [FREUD, 1900] existiria a crença de que poderia ocorrer o domínio e a cura do desamparo do sujeito pela razão científica. Existe uma grande diferença entre os registros da palavra e do conceito, pois somente entre os anos 1915-1920 o significante "desamparo" pode adquirir a transcendência de um conceito. Para isso foi necessário que a crença freudiana no poder do discurso científico para promover o "progresso do espírito humano" caísse por terra e se espatifasse em múltiplos fragmentos, evaporando-se como fumaça e ilusão.

[...] Reencontramos aqui o estilo trágico de pensamento do discurso freudiano no fim do seu percurso, que não só era ausente no início, mas também seria uma das fontes de discórdia da tradição psicanalítica pós-freudiana (BIRMAN, 2000, p.140, grifos do autor).

Freud vai colocar o desamparo no centro de suas discussões com seu texto *Sobre o narcisismo, uma introdução* (FREUD, 1914), quando a moralidade passa a ter maior repercussão na sua obra. O conceito de narcisismo promove praticamente uma reconstrução em relação à escolha amorosa e a relação entre a criança e seus pais. São esses dois pontos que trazem a noção de desamparo.

Ele já havia utilizado o termo narcisismo antes de 1914, sem que tivesse, ainda, a condição de um conceito. Em *Três ensaios* (FREUD, 1905), no *Caso Schreber* (1911) e mesmo no *Totem e Tabu* (1913), o termo é considerado apenas como uma etapa do desenvolvimento.

Para Freud, o narcisismo corresponde ao instante em que toda a libido está reunida em torno do eu. Este instante de concentração libidinal é o ponto de partida para o investimento em objetos. Ou seja, é somente através da passagem pelo narcisismo que o eu, com a libido agrupada em torno de si, pode investir nas representações dos objetos. Assim, o investimento libidinal original é direcionado para novos investimentos e, com isto, o sujeito vai saindo de um universo auto-referente (SIC) para o reconhecimento de um universo externo. Entretanto Freud não concebe o narcisismo como uma etapa superável dentro de um desenvolvimento cronológico. Suas manifestações atingem toda a vida libidinal. A psicose, por exemplo, corresponderia ao retorno da libido para o eu, e, existem outros casos, fora do campo da psicopatologia, em que o narcisismo atua de forma decisiva: a escolha amorosa é um deles (CORREA; HERZOG, 2006, p.128)

Freud mostra que os objetos de amor são selecionados, muitas vezes, a partir de uma opção narcísica, vale dizer, as pessoas acabam por buscar a si mesmas, ou o que gostariam de ser, retirando sua força da libido do eu condicionada ao narcisismo.

Com isso, Freud promove uma reviravolta conceitual nas ideias contidas nos dois primeiros artigos da que chamou de "*Contribuições à psicologia do amor*" (1910/1996, 1912/1996). As escolhas amorosas de base narcísica sugerem a importância do narcisismo na constituição subjetiva; podemos mesmo dizer que estas escolhas colocam o narcisismo como ponto de balizamento de um modo de subjetivação (Pinheiro & Herzog, 2003). [...] nas palavras de Freud, "há um investimento libidinal original do eu, parte do qual é posteriormente transmitido aos objetos" (1914/1996, p.83) (CORREA; HERZOG, 2006, p.128).

[...] As figuras parentais, ou qualquer substituo que represente a autoridade, serão investidas a partir da libido do eu, caracterizando-se como uma aspiração da criança que vai se esforçar para alcançar seus atributos. [...] Os pais se apresentam como modelos na medida em que fazem exigências para a criança, por meio de injunções e proibições, e ofertam seu amor de acordo com o cumprimento da lei que impõem. A criança desobediente é repreendida, ao passo que aquela que se conforma às ordens, é elogiada e premiada com o carinho dos pais. [...] Forma-se, no eu, uma diferenciação pela interiorização dos ditames culturais, um ideal que "as pessoas se esforçam para atingir como sendo sua felicidade" (FREUD, 1914/1996, p.107) (CORREA; HERZOG, 2006, p.128).

A entrada do sujeito na lei externa é caracterizada pela constituição deste eu citado acima. A partir dessa influência dos pais forma-se um ideal do eu, que servirá de parâmetro para uma idealização, de tal forma que Freud vai afirmar que o "ideal do eu é fator condicionante do recalque", ou seja, "apenas com o surgimento dessa instância é possível afirmar o que é inaceitável, incompatível, declarado como imoral para o sujeito". "O não da autoridade dos pais ou substitutos dará lugar ao não do agente crítico. A descrição do remorso e dos escrúpulos como voz da consciência encontra aqui uma justificativa" (CORREA; HERZOG, 2006, p.128-129).

Apesar de Freud nunca ter abandonado sua visão do desamparo objetivo, como aquela de o neonato não satisfazer suas próprias necessidades, por certo há um alargamento da sua noção de desamparo, com a valorização da dimensão de falta de garantias e limite de simbolização, até chegar ao *Mal estar da civilização*, aqui referenciado: o sujeito desamparado, diante da violência do outro, acata sua lei para não ser destruído.

Seria desejável, também, que explicitássemos como Freud, utilizando uma linguagem psicanalítica, retoma os termos com que a discussão sobre a modernidade. Ele o fez retomando a oposição entre natureza e liberdade que marca todas as discussões nas ciências sociais, com a história tomando o lugar da teodiceia na problemática da discussão sobre as vicissitudes dos homens na ordem social. Embora não se possa afirmar que Freud tivesse tido um conhecimento aprofundado das diferentes filosofias ou das ciências humanas de então, como Hobbes (1558-16799), Rousseau (1712-1778), Kant (1724-1804), Hegel (1770-1831), Marx (1818-1883), enfim, do iluminismo (ABBAGNANO, 1998, p.534-537), certamente eles estavam presentes no campo discursivo e cultural de Freud. Ele os omitiu para desenvolver uma perspectiva psicanalítica, numa leitura original alicerçada na oposição entre a pulsão e a civilização.

"Pode-se dizer que a natureza dos antigos foi pensada pelo registro da pulsão e a liberdade dos modernos pelo da civilização" (BIRMAN, 2000, p.142). Seus conceitos de desamparo e de mal-estar na civilização estariam ligados a uma emergência da fragilidade de uma circunstância histórica em que não seria mais possível pensar na auto regulação da natureza. É nesse sentido que o indeterminismo marca o segundo discurso de Freud sob o ponto de vista epistemológico.

Daí Birman (2000, p.142-143) dizer que a leitura freudiana seria o contraponto psicanalítico das leituras de Max Weber (1864-1920), com seu *desencantamento do mundo* e de Heidegger (1889-1976), com a *morte de Deus*, ao que eu acrescentaria Marx, com *a violência como parteira da história*. Uma discussão dessa natureza seria encantadora, mas foge ao que aspiro com meu trabalho.

6 CONCLUSÃO

Inicialmente devo observar que várias conclusões ou exposições de minhas observações em relação aos objetivos do trabalho já foram apresentadas no corpo da própria dissertação. Meus comentários, agora, procuram expressar, por si só, algo sobre as considerações que poderiam ser denominadas especificamente de conclusivas.

Meu objetivo foi elencar algumas observações para a possível elaboração de uma 'cartografia' sobre o tratamento da violência em Freud. Isso porque no desenho de tal cartografia seria possível trazer à luz aspectos diversos daqueles hoje utilizados - como as ferramentas isoladas da hermenêutica, da exegese ou de teorias comparativas -, que resultam em leituras conservadoras e repetitivas, mesmo quando realizadas pelos próprios psicanalistas.

Devo esclarecer que essa crítica não me confere, definitivamente, a condição de portador de alguma manifestação de tal maneira 'sui-generis', que possa invalidar tantos estudos já realizados. Ficarei plenamente satisfeito se esse trabalho puder ser reconhecido como uma colaboração, que venha adicionar algo de positivo aos estudiosos da violência, nos vários campos onde ela é objeto de reflexão.

Devo acrescentar que minha crítica como cidadão, ou quando exercendo meu ofício de psicanalista, é que a violência não seja abordada no âmbito da clínica e da teoria psicanalítica de maneira clara, com a responsabilidade de ser, conforme já exposto, um relevante discurso e uma prática indispensável, que possam responder aos complexos assuntos e às diversas interrogações apresentadas pela sociedade contemporânea, por seus indivíduos ou por seus coletivos. Mais ainda, acredito que esse tema deva ser abordado no âmbito da transdisciplinaridade, de modo a reforçar o entendimento do vasto campo da violência como uma nova epidemia, cujos transtornos estão visíveis no grande mal-estar inserido na sociedade contemporânea.

Ao desejar que esse trabalho se torne numa fonte confiável para acrescentar ao acervo do Mestrado de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência mais um

instrumento de consulta, meu nível de satisfação aumenta, uma vez que isto constitui um de seus objetivos específicos.

Ora, quando proponho produzir "algumas observações para elaboração de uma cartografia da violência", é desejável que exponha características metodológicas e justificativas consistentes, de tal maneira a legitimar minhas escolhas.

É o que farei agora.

A Cartografia é uma proposta de Gilles Deleuze (DELEUZE, 2013, p.33) derivada de certos caminhos da obra de Foucault que, ao discutirem sobre certa espacialização da História, valendo-se de 'metáforas espaciais', como posição, campo, deslocamento, território, domínio, solo, arquipélago, geopolítica, paisagem, entre outras, introduzem a ferramenta da cartografia social, ligando os campos do conhecimento das ciências sociais e humanas que, indo muito além de um mapeamento físico, vai tratar de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamento entre forças, lutas, enunciações, modos de subjetivação, de estetização de si mesmo e práticas de resistência e de liberdade. Isso permitiria agrupá-los em forma de dispositivos sem a preocupação de reuni-los, por exemplo, em um conceito unitário, como de hábito se concretiza nas pesquisas acadêmicas.

Assim, ao pesquisar campos nos quais as reflexões requeiram uso constante da interdisciplinaridade ou da transdisciplinaridade, ou quando a realidade se demonstrar complexa e não simplificada (MORIN, s.d.) a cartografia permitiria obter resultados menos fragmentados e menores disjunções nas separações, por exemplo, dos objetos do seu meio ou da natureza da cultura.

Vivemos hoje na emergência do pensamento pós-moderno, que sinaliza o questionamento contínuo de ações com uma análise crítica. Nessa ótica, Morin (s.d. p.63) denomina o paradigma moderno de paradigma da simplificação, no qual haveria uma insistência no estudo dos fenômenos isolados e dissociados.

Penso que trabalhar na busca de observações para a elaboração de uma cartografia me facilitou manejar processos propagados pela transdisciplinaridade, instrumento

que necessitei ao me deparar com conceitos e dispositivos que vão da filosofia política à terapêutica individual, passando pela sociologia, a antropologia e a psicologia social.

A psicanálise foi aqui enfocada do mais abstrato até os liames da realidade psíquica dos indivíduos inseridos na sociedade ou, se se quiser, na civilização.

Mais do que os procedimentos metodológicos que possam delimitá-la, a cartografia é um modo de compreender a pesquisa, possibilitando o encontro do pesquisador com seu campo.

Minha exposição comparativa entre as obras de autores que naturalizam a violência, como Dadoun (1998) ou Girard (1990) demonstrou como Freud se diferenciou deles. Se a psicanálise, inclusive com Freud, nos seus primórdios, fundava-se numa antropologia evolucionista e mais recentemente na estruturalista, sua leitura do *Mal estar na civilização* se deu, até então, de forma abstrata e pouco abrangente.

Dentro do que aponta Birman na sua obra *Arquivos do mal estar e da resistência* (BIRMAN, 2006, p.11- 61), reescrevo: apesar do ganho propiciado no paradigma estruturalista proporcionado pela leitura de Lacan (1998, p. 228-324) ter afastado a psicanálise do naturalismo evolucionista, anunciando o lugar crucial da linguagem e do registro simbólico na passagem da natureza para a cultura pela estrutura edipiana, marcando a interdição do incesto, o caráter a-histórico se manteve. ao pesquisar campos nos quais as reflexões requeiram uso constante da interdisciplinaridade ou da transdisciplinaridade, ou quando a realidade se demonstra complexa e não simplificada (MORIN, s.d.) costuma-se obter resultados menos fragmentados e menores disjunções nas separações, por exemplo, dos objetos do seu meio ou da natureza da cultura

Daí meu interesse pelo tema da cartografia. Nas novas formas de subjetivação encontradas em nosso tempo. "O solipsismo e a alteridade do sujeito no registro ético são os reguladores de tal oposição entre dor e sofrimento" (BIRMAN, 2006 p. 11).

Ao admitir, em algum momento, a existência das pulsões parciais de domínio e de destruição, Freud não as vincula de modo obrigatório nem à violência biológica nem a suas ramificações com o sagrado. Eu diria que sua filogênese é similar e próxima à historicidade, tanto que após um soluço vitalista quando no estágio do laboratório de Brücke (1819-1892), ele se diferenciou rapidamente dos rumos da medicina alemã da época.

Ao me posicionar a respeito de as noções de destrutividade e domínio estarem incorporadas na pulsão de morte do último Freud quero, com isso, demonstrar que a violência, de alguma maneira, está presente em sua obra. Admito, igualmente, que, embora o discurso freudiano em quase todo seu percurso evite, de alguma maneira, explicitar a violência como fator de causalidade estreita às suas concepções do conflito entre as pulsões e a civilização, a partir de *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), quando ele retoma o tema da analogia entre a psicologia individual e a psicologia de grupo, seu discurso começa a admitir a dialética entre a agressividade e passividade, vale dizer, uma forma nuançada de violência.

É por esse viés que pretendo continuar com minhas conclusões: Freud reconhece que o ser humano não tem a docilidade natural - sobretudo aquela pregada pela religião - e se comove profunda e tristemente com as vicissitudes da guerra e sua violência incontrolável.

Quando se toca em violência, o modelo exponencial dela é a guerra. E Freud não ficou incólume ao fato de que o que se pratica numa guerra é o paradigma do que se pratica nas sociedades, isto é, uma violência crescente, seja física, seja psicológica.

Rendendo-nos a essa realidade - tanto Freud, no período da modernidade, quanto nós, na contemporaneidade -, nos deparamos com a crescente ação da violência e, em contrapartida, com as decepcionantes ações para contê-la. Isso se refere aos indivíduos e às políticas, públicas ou privadas, cujos resultados demonstram que a epidemia da violência vem assolando o mundo contemporâneo, seja por intermédio dos assassinatos, seja pelas agressões individuais, ou na existência das guerras localizadas, sob as mais distintas causas, não importando se laicas ou religiosas, todas geradoras de dor e sofrimento aos viventes.

Isso me remete a duas perguntas passíveis de se fundir, cujas respostas podem ser extraídas do meu trabalho, a título de conclusão:

Qual papel poderia ser conferido à psicanálise nessa conjuntura e qual o futuro da psicanálise diante das novas contingências e relações presentes, nessa perspectiva histórico-contemporânea que alguns costumam chamar de pós-modernidade?

A relevância dessas perguntas se faz presente porque penso que a violência como problema deve ser encarada no âmbito de um espaço interdisciplinar onde a psicanálise teria importante papel. Há de se ter o cuidado necessário tendo em vista que provocar a inflexão do modelo clínico para o social não é tarefa fácil. Existem riscos de se cair na armadilha de reduzir a totalidade do social à lei do particular ou vice-versa.

Nossas experiências pessoais ou sociais têm sido cada vez mais marcadas pela violência ou pela delinquência. O tratamento desses temas passaria por um trabalho obrigatoriamente interdisciplinar, a ser realizado pela filosofia, pelas ciências humanas e pelas ciências sociais, pelo crivo da complexidade, como tratada no discurso teórico de Morin (s.d.).

Para a primeira pergunta eu responderia que a psicanálise se destaca enquanto discursividade que se funda para abordar o sofrimento psíquico, inserindo-se de forma inequívoca entre as disciplinas afeitas ao tema da violência. Mesmo que a violência não tenha o contorno de um conceito no pensamento freudiano, isso não impediu a produção de trabalhos sobre o tema da violência psíquica para compreender o registro da política e do poder.

Para a segunda, eu responderia que mesmo Freud não tendo uma teoria elaborada e formalmente dedicada à investigação da sociedade, menos ainda sobre o Estado/Nação, é possível deduzir de sua obra considerações sobre o Estado, sobretudo na interface indivíduo/sociedade que se opera pelo conceito de identificação (FREUD, 1921), tema que pude configurar ao longo do meu trabalho.

O ensaio de 1908, por exemplo, *Moral sexual 'civilizada' e a doença nervosa moderna*, que para Mezan (1985) se descortina como um projeto político, aponta para uma dupla moral. Para Freud seria a prova de que "a própria sociedade não acredita que seus preceitos possam ser obedecidos".

Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921) expõe uma nova dimensão, agora sob a luz da pulsão de morte, revendo sua teoria sobre o social defendida em *Totem e Tabu* (FREUD, 1913). Fica ali evidenciado, naquele laço com o líder - do qual o grupo vai exigir 'força e violência' e por quem vai ser "dirigido, oprimido" (FREUD, 1921, p.102) -, que o laço social vai depender da forma como o grupo se relaciona com o líder, um objeto a ser introjetado para que se dê a identificação com os pares.

É como se Freud estivesse dizendo, no ensaio de 1913, que ele apostava na eficácia do totem como lembrança do ato parricida e na introjeção do interdito paterno após sua morte. Já em 1921, que tal fortalecimento da figura do pai não teria acontecido e que os filhos acabariam por buscar com desespero um substituto. Seria possível, por esse caminho, empreender laços inibidos na sua finalidade sexual, com a identificação.

Sendo, pois, o homem, "de preferência um animal de horda, uma criatura individual numa horda conduzida por um chefe" (FREUD, 1921, p.154) e não um animal predisposto ao gregarismo, longe de compor uma massa amorfa os indivíduos reclamam por uma figura do líder, que possa conduzi-los, até mesmo com violência, para protegê-los diante da destrutividade com que as relações sociais são perpassadas.

Tais afirmações propiciam o retorno do conceito de narcisismo das pequenas diferenças, a principal chave para compreensão da hostilidade causadora dos isolamentos e rechaços dos demais, em consequência de diferenças forjadas. Se levado ao extremo, tal atributo concorre para as mais radicais intolerâncias, marca de sistemas totalitários.

Ora, nesse movimento, que no meu trabalho chamei de torção, penso que se poderia incluir a realidade da guerra no aparato teórico-clínico de Freud, em função da nova concepção do jogo sadismo versus masoquismo. Faço essa observação para que numa cartografia essa temática possa ser abordada de forma clara.

Acredito que com as observações que pude levantar seria possível avançar em ligações com os filósofos contratualistas Rousseau (1712-1778) e Hobbes (1568-1679), de acordo com o desenrolar histórico da obra de Freud, facilitando a entrada de Foucault (2010) na sua interpretação de Hobbes como introdutor da tese de a guerra ser uma ameaça permanente nas expressões das relações sociais.

Não tenho dúvidas de que o texto do Mal Estar (FREUD, 1930) é uma crítica ao mal-estar na modernidade, quando a agressividade e a destruição estão fortemente em cena, como também fica claro, para mim, que Freud não vai apostar na eficácia da renúncia pulsional em prol do Estado ou de qualquer coisa semelhante. Ao afirmar que o "homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança", Freud (1930, p.137) sustenta caber à civilização protegê-lo. O preço a pagar pelo avanço civilizatório é o incremento do sentimento de culpa, dirá Freud.

Diante dos elementos levantados nesse trabalho, ficam patentes as dificuldades em estabelecer campos distintos para identificar as origens da violência nos termos das taxonomias correntes no campo das ciências sociais, sobretudo diante da concepção do sujeito pela psicanálise, que subverte categorias ou classificações. Pelo fato de na psicanálise indivíduo e sociedade não serem campos suficientemente distintos para tais classificações, acredito que minha proposta de elaboração de uma cartografia é plenamente justificada. Espero que as observações aqui apresentadas sirvam a tal propósito.

REFERÊNCIAS

- BARRETTO, V. P. (coord.). **Dicionário de filosofia política**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- BERTELLI, F. E. Schreber e a crise da investidura simbólica. **Reverso**, v.31, n.57, p.45-56, junho /2009.
- BIRMAN, J. **Mal estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos**; do corporal ao psíquico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009a
- BIRMAN, J. **Cadernos sobre o mal**: agressividade, violência e crueldade. Rio de Janeiro: Record, 2009b.
- BIRMAN, J. Crueldade e psicanálise: uma leitura de Derrida sobre o saber sem álbi. **Natureza Humana**, São Paulo, v.12, n.1, p.55-84, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010_00010_0002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12. 07. 2015.
- BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BURSZTEIN, J.-G. **Hitler, a tirania e a psicanálise**: ensaio sobre a destruição da civilização. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- CAMPOS, Í. **A fuga de Freud**. 19/07/2011. Disponível em: <<http://www.ubebr.com.br/post/resenha/a-fuga-de-freud-por-talo-campos>>. Acesso em: 14.03.15.
- CERQUEIRA FILHO, G. Euclides da Cunha e a psicopatologia: um indício para abdução. **Rev. Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.11, n.4, p.562-572, dezembro 2008.
- CORREA, M.; HERZOG, O. R. Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo. **Estudos de psicologia**, v.11, n.2, p.127-133, maio-agosto, 2006.
- COSTA, J. F. **Psicanálise e violência**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- COSTA J. F. "Playdoier pelos irmãos". In: KEHL, M. R. (Org.). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- COUTO, R.; ALBERTI, S. Moisés e a verdade: retorno à questão da verdade histórica. **Trivium**, Rio de Janeiro, v.5 n.1, P.85-102, jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912013000100010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 2176-4891>. Acesso em: 24.02.2015.
- DADOUN, R. **A Violência**; ensaio acerca do homo violens. São Paulo: Difel, 1998.

DELEUZE, G. **Um novo cartógrafo**. In: Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DI MATTEO, V. Subjetividade e cultura em Freud. **Discurso**, n. 36, p.190-213, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/rt/prINTERfriendly/38077/0>>. Acesso em: 15.05.15.

FLEIG, M. (Org.). **Psicanálise e sintoma social**. São Leopoldo/RS: Usininos, 1998.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2010.

FREUD, S. Contribuição à concepção das afasias [1891]. In: **Sobre a concepção das afasias**; um estudo crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FREUD, S.; BREUER, J. **Estudos sobre a histeria**. [1895]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **Primeiras publicações psicanalíticas**. [1896]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1990,

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses. In: **Primeiras publicações psicanalíticas**. [1898]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.235-253.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. [1900]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.403-529.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. [1900a]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **A injeção de Irma**. [1900b]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.128- 140.

FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria**. O caso Dora. [1905a]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.16-115.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. [1905b]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.218- 230.

FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. [1905c]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: **Gradiva de Jansen e outros trabalhos**. [1908]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.178-228.

FREUD, S. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos** [1909]. O pequeno Hans. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.15. Pós-escrito.

FREUD, S. **Gradiva de Jansen e outros trabalhos**. [1909]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.241-243.

FREUD, S. **Romances familiares**. [1909]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.241-243.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: **Cinco lições de Psicanálise**; Leonardo da Vinci e outros trabalhos. [1910]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.53-124.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. [1910]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.03-51.

FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico**. [1911]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.277-288.

FREUD, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia** (Dementia Paranoides). *O caso Schreber*. [1911]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **Totem e tabu**. [1913]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.19-194.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. [1914]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.89-119.

FREUD, S. **A pulsão e seus destinos**. [1915a]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990a, p.117-162.

FREUD, S. **O inconsciente**. [1915b]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.191-245.

FREUD, S. **Artigos sobre metapsicologia**. [1915c]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. [1915c]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.311-339.

FREUD, **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. [1917a]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 323-336.

FREUD, S. **Uma neurose infantil e outros trabalhos** [1917b]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 171-179)

FREUD, S. **Além do princípio do prazer.** [1920]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.17-90.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu.** [1921]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.91-179.

FREUD, S. **O ego e o id.** [1923]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.23-83.

FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo.** [1924]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.197-212.

FREUD, S. **Um estudo autobiográfico.** [1925]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.17-92.

FREUD, S. **Inibições, sintomas e ansiedade.** [1925/26]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão; O mal estar da civilização.** [1927]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.15-74.

FREUD, S. **Mal estar da civilização.** [1930]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos.** [1933]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro, Imago, v. 21, 1990.

FREUD, S. **Por que a guerra?** Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. [1933]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol.22. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 241-271.

FREUD, S. A angústia e vida pulsional. In: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise.** [1933b]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 22. Rio de Janeiro, Imago, 1990, p.137.

FREUD, S. **Esboço de psicanálise.** [1938]. Edição Standard Brasileira. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.169-237.

FREUD, S. **Moisés e o monoteísmo; Esboço de psicanálise.** [1939]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. **Contribution à la conception des aphasies.** Paris: Presses Universitaire de France, 1983.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Universidade Paulista, 1990.

GRUPO AUTÊNTICA. [s.d.]. **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Disponível em: <<http://grupoautentica.com.br/autentica/colecoes/68>>. Acesso em: 01.03.2015.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão**; Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HERÁCLITO, E. In: BARRETTO, V. P. (Coord.). **Dicionário de filosofia política**. São Leopoldo: Unisinos, 2010. 564p.

KAUFMANN, P, **Dicionário enciclopédico de psicanálise**; o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.807-842.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, B. S. **Do amor em tempos de cólera**: agressividade, subjetividade e cultura, 2007. 289f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARIN, I. S. K. **Violência**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess**. (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MELLER, L. P. A violência em Freud. In: **Pensando a violência com Freud**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Psicanálise, 2005. p. 25-30.

MEZAN, R. **Freud, a trama dos conceitos**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MEZAN, R. **Freud o pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MINAYO, M. C. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: _____. **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p.21-42. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images / stories / Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20/modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf>. Acesso em: 02.07.2015.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Publicações Europa-América, [s.d.].

PELLEGRINO, H. **Pacto edípico e pacto social**. [1983]. Sociedade Paulista de Psicanálise. 28.03.2011. Disponível em: <<http://www.sppsic.org.br/blog/?p=354>>. Acesso em: 29.07.2015.

PINHEIRO T. **Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

ROUANET, S. P. **O impacto da psicanálise na cultura e da cultura na psicanálise**. In: interrogações. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 apud DI MATTEO, V. Subjetividade e cultura em Freud. **Discurso**, n. 36, p.190-213, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/rt/printerFriendly/38077/0>>. Acesso em: 15.05.15.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROZITCHNER, L. **Freud e o problema do poder**. São Paulo: Escuta, 1989.

SANTOS, A. B. R.; CECCARELLI, P. R. Psicanálise e moral sexual. **Reverso**, Belo Horizonte, v.32, n.59, p.23-30, jun. 2010. Disponível em: <<http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/psicamoralsex2.pdf>>. Acesso em: 24.02.2015.

SENDER, T. Moisés e o monoteísmo e a noção de “povo eleito”. **Cad. Psicanál.**, Rio de Janeiro, v.33, n.24, p.119-127, 2011.

SOUZA, M. L. R. **Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

STRACHEY, J. In: FREUD, S. **O futuro de uma ilusão; O mal estar da civilização e outros trabalhos**. [1920]. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.78-80.